

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DÉBORA MOTA COELHO

SINONÍMIA: UM CONTRASTE ENTRE TEORIA E ENSINO

PORTO ALEGRE

2017/02

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DÉBORA MOTA COELHO

SINONÍMIA: UM CONTRASTE ENTRE TEORIA E ENSINO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Zandwais

PORTO ALEGRE

2017/02

À todos aqueles que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

Em especial à minha mãe, Gilmara, que esteve sempre ao meu lado, não me deixando desistir.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer ...

À minha família que esteve sempre ao meu lado, me apoiando e dispostos a me ajudar durante todo o caminho que percorri na graduação. Obrigada por tornarem essa conquista possível.

À minha orientadora, professora Ana Zandwais, por toda a paciência e tempo dedicados à mim. Obrigada pela atenção e por tudo o que me ensinaste durante este percurso.

A todos os professores que tive o prazer de conhecer. Obrigada por guiarem meus passos com tanta dedicação e carinho durante a graduação.

A todos os meus queridos colegas que compartilharam parte deste caminho comigo. Obrigada pelo apoio, pela amizade, pelos trabalhos em grupo e por me darem o imenso prazer de fazer parte da vida de vocês.

Agradeço de forma especial aos meus pais por não medirem esforços para que eu pudesse levar meus estudos adiante. Obrigada, mãe! Obrigada, pai! Vocês foram meus maiores incentivos para chegar até aqui.

RESUMO

Esta Monografia tem a finalidade de investigar como diferentes autores tratam da questão da sinonímia em manuais de Linguística, estabelecendo contrapontos entre diferentes abordagens. A partir de tais relações aprofundamos nossa pesquisa examinando também como a questão da sinonímia é investigada, conceituado e exemplificada em um site popular, assim como examinamos a maneira com que livros didáticos abordam o conceito de sinonímia e conduzem a discussão sobre a relação estabelecida entre as significações das palavras, avaliando a qualidade desses materiais por servirem como base para o ensino em todas as escolas do nosso país, principalmente nas redes públicas. Para tal foram feitas leituras e análises de obras, *website*, dicionários online e impressos e livros didáticos. Nesse âmbito expomos diferentes perspectivas teóricas que buscam descrever o funcionamento dos sinônimos vinculados a questões que extrapolam o campo linguístico. A partir dessa fundamentação teórica, analisamos criticamente a maneira como o assunto é apresentado na internet e como livros didáticos destinados a diferentes anos do ensino fundamental e médio, abordam o funcionamento da sinonímia frente às condições históricas, sociais, geográficas e demais condições externas à língua, que influenciam nos significados adquiridos pelas palavras, conforme a abordagem dos autores apresentados; buscando uma reflexão sobre a qualidade desses materiais considerados importantes por seus fins utilitários e por isso pouco questionados por muitos professores e por alunos. Foi possível observar a superficialidade com que os conteúdos semânticos são apresentados aos alunos, comprovando a necessidade de que se instituem mudanças nas práticas de ensino que venham a considerar o uso do livro didático apenas como suporte, uma ferramenta colaborativa e não o único referencial teórico para explanação de conteúdos, assim como a internet.

Palavras-chave: Livro didático, conceitos de significação, sinonímia

ABSTRACT

Resume This monography has the purpose of investigate how different textbooks approach the concept of sinonymy and lead the discussion about the relationship established between the meaning of the words, evaluating the quality of these materials to serve as basis for teaching in all the schools of our country, mainly on public networks. To such results, readings and analysis of conceptions in dictionaries , wikipedia and textbooks were made. In this context, we present different theoretical perspectives that seek to describe the functioning of synonyms linked to questions that extrapolate the linguistic domains "stricto sensu". Based on this theoretical foundation, we critically analyze the way in which textbooks destined to different levels of elementary and middle school treat the functioning of synonymy considering historical, social, geographical conditions and other conditions external to the language that influence the meanings acquired by words. We sought to reflect on the quality of these materials, which are considered important because they are the "truth-keepers" and therefore are not questioned by students and teachers. It was possible to observe the superficiality with which semantic contents are presented to the students through textbooks, proving that it is necessary to change practices of teaching, and considering the use of the textbook only as a support, a collaborative tool and not the only theoretical reference for explanation of content.

Key words: synonymy. Didactical materials. Conceptions of meaning, synonyms

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A SINONÍMIA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS	10
1.1 A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS COMO FONTE DE RELAÇÃO: A VISÃO DE <i>ILARI E GERALDI</i>	10
1.1.1 Sinonímia lexical	11
1.2 A SEMÂNTICA LINGUÍSCA DE <i>JOHN LYONS</i>	14
1.2.1 Significado Lexical	16
1.3 <i>RODRIGUES LAPA</i> E A PLURALIDADE DOS MEIOS DE EXPRESSÃO	18
1.4. A SINONÍMIA NA PERSPECTIVA DE <i>FRANK PALMER</i>	23
2 A SINONÍMIA NA INTERNET	32
2.1 A WIKIPÉDIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA	32
2.2 OS DICIONÁRIOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS	36
2.2.1 Dicionário Analógico – Aulete Digital	40
2.3 DICIONÁRIO HOUAISS DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS.....	41
2.3.1 Publicação Impressa: dicionário Houaiss	42
2.3.2 Versão Digital: dicionário Houaiss	44
3 A SINONÍMIA NO LIVRO DIDÁTICO	47
3.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: <i>PORTUGUÊS, LINGUAGENS</i> , DE WILLIAM CEREJA E THEREZA COCHAR	47
3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: <i>LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO</i> , DE ANA TRINCONI, TEREZINHA BERTIN E VERA MARCHEZI	52
3.3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: <i>AQUARELA DO SABER</i> , DE CELME FARIAS MEDEIROS	55
3.4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: <i>PORTUGUÊS: LITERATURA; GRAMÁTICA; PRODUÇÃO DE TEXTO</i> , DE LEILA SARMENTO E DOUGLAS TUFANO	59
3.5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: <i>PRÁTICAS DO DIZER: UM EXERCÍCIO DA LINGUAGEM</i> , DE LAÍS RODRIGUES E TERESINHA BRANDÃO	69
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
BIBLIOGRAFIA	82

ANEXOS	83
ANEXO A – Unidade dezesseis: Estudando a gramática – conteúdos semânticos propostos por Celme Farias Medeiros	84
ANEXO B – Reportagem “Yes, a gente fala inglês... ou quase” proposto por Leila Sarmiento e Douglas Tufano	85
ANEXO C – Texto III e respectivas atividades sobre eufemismo proposto por Laís Rodrigues e Teresinha Brandão	86

INTRODUÇÃO

O cenário da Educação brasileira não vem sendo favorável para o desenvolvimento de boas práticas escolares. Em tempos onde não há “tempo”, a concorrência desleal da informática e a falta de motivação profissional acaba colaborando com o déficit na aprendizagem. Com um salário baixo os professores da rede pública de ensino são levados a trabalharem até três turnos, gerando uma sobrecarga de horas trabalhadas e uma desqualificação do ensino. Com muitos alunos para orientar, poucos recursos e pouco tempo para planejar suas aulas, o professor tem cada vez mais utilizado o livro didático como ferramenta de ensino para corroborar com sua prática em suas aulas, afinal, este material é pronto, o que dispensa a elaboração de planejamento. Ademais, é composto por explicações, textos e atividades de reflexão e cada aluno pode vir a ter o seu exemplar, não sendo necessário preparar materiais para aula. Porém, por assumirem esse relevante espaço dentro das escolas, devemos nos perguntar sobre a maneira como esses livros didáticos abordam os conteúdos e propõem ao aluno refletir sobre eles, uma vez que a aprendizagem exige reflexão.

Partindo dessa explanação, a presente monografia busca investigar como os livros didáticos abordam o funcionamento da sinonímia, que é uma pequena parcela dos “conteúdos” semânticos que devem compor o livro didático, material utilizado por professores. Os livros didáticos analisados foram escolhidos, primeiramente, por apresentarem um conceito de sinonímia, assim como uma reflexão sobre o assunto, porém nos livros para o ensino médio o conceito de sinonímia não é mais trabalhado, então, sendo o objetivo da pesquisa analisar esse conteúdo destinado a diferentes anos do ensino básico, também consideramos aqueles livros que de alguma forma levassem o aluno a refletir sobre os diferentes sentidos atribuídos às palavras e às relações estabelecidas entre elas, ou seja, consideramos aqueles livros que abordassem a relação sinonímica mesmo que implicitamente. Sendo assim, para que pudéssemos fazer uma análise devidamente fundamentada, comparamos as semelhanças e diferenças a respeito dos conceitos de sinonímia trabalhados em algumas obras e exemplares didáticos escritos por diferentes autores, linguistas e filólogos. A teoria contrapõe-se a definição de sinônimos dos livros didáticos como palavras com os mesmos significados. E, a partir desse ponto de vista, verificamos o modo como alguns livros didáticos trabalham a noção de sinonímia. Também, a fim de complementar nossos estudos, analisamos a sinonímia e seus conceitos disseminados na web, a fim de verificarmos em que medida a internet pode auxiliar ou não alunos e professores.

Desta maneira, na primeira parte do presente trabalho, o leitor é apresentado aos conceitos propostos por quatro autores referentes à sinonímia. Os respectivos autores foram escolhidos por apresentarem a sinonímia a partir de duas perspectivas distintas; os dois primeiros abordam essa noção sob um ponto de vista linguístico, mas sem explicitar os fundamentos teóricos; enquanto os outros dois autores trabalham a sinonímia através das perspectivas linguística e social. Juntos, esses autores formam o nosso pressuposto teórico a partir do qual defenderemos a impossibilidade de existir equivalência completa entre as palavras da nossa língua.

Um contraponto interessante é apresentado a partir da reflexão sobre os “wikidicionários”. Além do livro didático, alunos e professores utilizam atualmente, a internet como fonte de pesquisa e entretenimento. E, sendo essa uma poderosa ferramenta onde encontramos uma gama enorme de assuntos, as questões de significação das palavras também são encontradas na internet, através de dicionários digitais que explanam noções de sinonímia. Dessa maneira, abordaremos, para complementar nossos estudos, como a sinonímia é definida na internet e, da mesma forma, comparamos dicionários impressos à suas versões digitais para sabermos, além das semelhanças e diferenças desses materiais, em que medida as versões digitais podem ser melhores fontes de pesquisa quando se propõe uma reflexão sobre os sinônimos da língua.

Tendo em vista que uma discussão teórica torna-se mais rica quando há um contraponto com o campo da prática, na terceira parte desta monografia faremos a análise de cinco livros didáticos direcionados a diferentes anos do ensino fundamental e médio.

A partir dessa investigação pretendemos avaliar como esses livros trabalham com a noção de sinonímia, analisando, além do modo como o conceito é formulado, as tarefas propostas para levar o aluno a refletir sobre as palavras e as relações de sentidos que se estabelece entre elas.

Os resultados dos estudos e análises poderão ser acompanhados no decorrer do trabalho.

1 A SINONÍMIA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Nesta seção, expomos o que alguns autores entendem por sinonímia a fim de analisarmos como esses descrevem a relação que se estabelece entre as palavras em uma língua. Cada autor fará sua abordagem seguindo a perspectiva com a qual se propõe a explicar noções sobre os significados das palavras.

1.1 A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS COMO FONTE DE RELAÇÕES: A VISÃO DE ILARI E GERALDI

No livro intitulado “Semântica”, Rodolfo Ilari e João Wanderley Geraldi (2004) dedicam-se a escrever algumas páginas sobre a sinonímia. Os autores interligam noções que dizem respeito às palavras, aquelas que dizem respeito às frases, abordando juntamente sinonímia e paráfrase. A abordagem dessas noções é assim organizada, pois os autores consideram que a paráfrase seja uma forma de reescritura, de nível mais complexo, de palavras e de enunciados a partir da variação de contexto. Parece, segundo eles, produtivo trabalhar conjuntamente ambas as noções, na medida em que, a substituição de palavras sinônimas dentro de um enunciado seja uma maneira de dizê-la de outra forma, ou seja, de adequá-la ao contexto de enunciação. O que torna a sinonímia, de acordo com os autores, uma das maneiras de parafrasear um enunciado.

Inicialmente, Ilari e Geraldi consideram como paráfrases as frases que “utilizadas num grande número de situações práticas, ‘dizem a mesma coisa’” (2004, p.42), e apresentam os seguintes exemplos, para elucidar a questão:

- (1) Pegue o pano e *seque* a louça.
- (2) Pegue o pano e *exugue* a louça.
- (3) É difícil encontrar esse livro.
- (4) Este livro é difícil de encontrar.
- (5) Esta sala está cheia de fumaça.
- (6) Abra a janela.¹

De acordo com os autores, as frases acima podem ser parafraseadas através do emprego de palavras sinônimas como nos exemplos (1) e (2), onde “secar” é utilizada em contextos mais informais – língua coloquial; enquanto que “enxugar” é uma expressão própria

¹ Exemplos retirados do livro (ILARI&GERALDI, 2004, p. 42)

da língua culta, o que torna a substituição de um sinônimo por outro uma forma de reescrever o enunciado a fim de adequá-lo ao contexto de enunciação. As palavras também podem ser parafraseadas através da inversão sintática, como nos exemplos (3) e (4), onde o enunciado “É difícil encontrar esse livro” é parafraseado e reescrito da seguinte maneira: “Este livro é difícil de encontrar”. Outra forma de parafrasear um enunciado seria, conforme Ilari e Geraldini, em uma situação onde os interlocutores estão em um ambiente poluído por fumaça e o locutor procura fazer um pedido implícito como no enunciado (5) “Esta sala está cheia de fumaça”, sem que seja necessário fazer isso utilizando uma frase que possa ser interpretada pelo alocutário como uma ordem ou com certo grau de agressividade como em “Abra a janela”, exemplo (6). Sendo assim, esses enunciados podem ser considerados sinônimos por terem o intuito de obterem os mesmos fins dentro do referido contexto. No entanto, os pares de exemplos (3) e (4), (5) e (6) merecem atenção, pois só podem ser consideradas paráfrases e assim “dizerem a mesma coisa de formas diferentes” quando analisados como uma relação entre atos de fala, onde um enunciado pode ser substituído para determinados fins de adequação prevista pelo locutor dos enunciados; no entanto, esta é uma ressalva que os autores do livro não abordam no desenvolvimento da questão.

Sintetizando, Ilari e Geraldini abordam a sinonímia como um dos “recursos” linguísticos disponíveis aos falantes para parafrasear enunciados. Recurso este, do qual podemos lançar mão sempre que, através da linguagem, interagimos com outras pessoas, em diferentes contextos e assim procuramos adequar nossa fala a tais circunstâncias de uso.

Como o presente estudo pretendemos tratar especificamente de sinônimos, faremos um recorte e nos deteremos na formulação teórica elaborada pelos autores para esclarecer o que entendem por sinonímia. Ou seja, deixaremos a discussão sobre os outros tipos de paráfrase para uma próxima leitura.

1.1.1 Sinonímia Lexical

Para tratarmos da noção de sinonímia, Ilari e Geraldini buscam desconstruir, a partir da apresentação de “ressalvas”, a ideia de sinonímia como identidade de significação. Os autores iniciam explorando a ideia de que expressões consideradas sinônimas, além de denotarem o mesmo conjunto de objetos, ou seja, serem coextensivas; devem fazer isso por alusão a uma mesma propriedade. Ou seja, “além de identidade de extensão, a sinonímia é identidade de sentido ou, como dizem também os semanticistas, de intensão.” (ILARI&GERALDI, 2004,

p.44). Por exemplo: as expressões “*bichos de boca grande*” e “*bichos que passam parte do dia em terra firme e parte do dia no charco*”, embora englobem os mesmo animais (objetos) – rã, sapo, hipopótamo e jacaré – não os englobam por alusão a uma mesma propriedade, o que faz com que essas duas expressões não sejam sinônimas. No entanto, Ilari e Geraldi, compreendem a expressão *igualdade de sentido* aqui mencionada como o fato de, em uma determinada circunstância de fala, podermos substituir os “pares” sinonímicos sem que a frase passe de verdadeira para falsa ou vice versa. A afirmação abaixo permite percebermos quando, para os autores, duas frases apresentam o mesmo sentido:

Duas frases que têm o mesmo sentido, quando referidas ao mesmo conjunto de fatos, têm de ser ambas verdadeiras, ou ambas falsas. Entendendo que duas palavras são sinônimas quando contribuem da mesma maneira para o sentido global das orações em que intervém [...] (ILARI&GERALDI, 2004, p.44)

Desse modo, saindo do âmbito das expressões e passando para o âmbito das palavras, os autores apresentam o teste de sinonímia, o qual considera sinônimas as palavras que possam ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a mesma passe de verdadeira para falsa, ou de falsa para verdadeira.. Para exemplificar, os autores utilizam o par *calvo* e *careca*. Vejamos os exemplos (p. 45):

- (7) a. Todo calvo/careca sonha descer uma ladeira de bicicleta com os cabelos soltos ao vento.
 [...]
 b. Para um homem calvo/careca o maior risco é o da insolação.[...]
- (8) a. O Argemiro não se irrita quando o chamam de *calvo*, mas não suporta ser chamado de *careca*. [...]
- (10) a. A tia Felismina acha que Kojak é um *calvo* charmoso.
 b. A tia Felismina acha que Kojak é um *careca* charmoso.

Os autores consideram as frases do exemplo (7) como frases onde *calvo* e *careca* possam ser intercambiáveis sem que haja inversão de sentido, isto é, sem que a substituição transforme a frase de verdadeira para falsa ou vice e versa. Já nos exemplos (8) e (10), Ilari e Geraldi afirmam que a substituição não pode ser feita da mesma forma que no exemplo anterior, pois *calvo* e *careca* não possuem o mesmo sentido para Argemiro, podendo ser chamado de calvo, mas não de careca. Da mesma forma, a palavra “calvo” pode não fazer parte do vocabulário da tia Felismina, o que tornaria a frase falsa quando feita a substituição de uma palavra por outra, como no exemplo (10). A partir desses exemplos, os autores ressaltam a importância de levar em consideração nessa abordagem o contexto em que as

palavras são empregadas. Porém, os mesmos, não deixam explícito a que contexto se referem; o que podemos notar com a análise dos exemplos citados no livro é uma abordagem linguística do tema, levando-nos a compreender o contexto aqui citado como o contexto linguístico ou situação imediata de fala, que leva em consideração o locutor e suas crenças e conhecimentos. No entanto, os autores deixam de lado os outros contextos, como, por exemplo, o contexto situacional em que os falantes estão inseridos, o que traria para discussão os elementos sociais e culturais envolvidos no discurso. Isso faz com que Ilari e Geraldini ignorem o fato de que as substituições feitas nos exemplos citados sejam decorrentes de variações de registros, ou seja, a utilização de *calvo* ou de *careca* não provoca uma inversão quanto ao valor de verdade da frase – analisar sob esse aspecto de verdadeiro ou falso seria simplificar as relações sociais refletidas na linguagem. É preciso pensar a linguagem e sua adequação de acordo com a classe social dos falantes.

Com esse teste, aplicado pelos autores às palavras *calvo* e *careca*, somos levados a concluir que seria impossível termos duas palavras capazes de se intercambiar livremente em todas as frases a que possam ser inseridas; não pelo fato de poderem se tornar verdadeiras ou falsas, mas por refletirem diferentes registros e situações de fala.

Dessa maneira, Ilari e Geraldini afirmam que para podermos considerar duas palavras sinônimas é necessário nos desprendermos da ideia de que essas devam ter os mesmos significados. Sendo assim, os autores explicam que teremos então contextos mais exigentes, como em casos de discurso indireto, ou quando estamos lidando com as crenças e conhecimento de outrem, afinal, existem marcas externas à linguagem que refletem sobre a enunciação dos sujeitos, fazendo com que certas palavras (de uma série sinonímica) não façam parte do vocabulário do nosso interlocutor. E também outros contextos mais flexíveis, como o apresentado nos exemplos com o par de sinônimos *calvo/careca*, onde mesmo que a palavra não faça parte da variante utilizada pelo interlocutor, ele a compreenderá sem grandes dificuldades, o que torna a substituição apenas uma forma de adequação. Sendo assim, Ilari e Geraldini afirmam que existe a preocupação, por parte do locutor, de adequar suas palavras ao contexto linguístico em que está se enunciando. O que faz com que os locutores escolham a palavra “exata” dentre as palavras sinônimas que tem à disposição. Há, com isso, uma preocupação em “evocar ou respeitar um determinado nível de fala, um determinado tipo de interação, ou mesmo, certo jargão profissional” (2004, p. 47). Para Ilari e Geraldini essa “busca pela palavra certa” é decorrente do contexto, pois os autores assumem a ideia de que as palavras mudam seu sentido conforme a situação imediata em que são proferidas. Para exemplificar utilizam os seguintes casos (2004, p.47): as palavras “furto” e “roubo”: quando

em um contexto técnico *roubo* é destinado a crimes mais graves do que *furto*; da mesma forma que na relação entre interlocutores, utilizar um jargão profissional em uma conversa com alguém que não faz parte desse grupo como, por exemplo, um médico falar em *carcinoma* ao invés de falar em *câncer* com seu paciente, pode afirmar o médico como técnico da área da medicina, no mesmo instante em que inferioriza seu paciente – o que demonstra o quanto hermética pode ser a língua com as variações de registros de que esta dispõe.

De forma geral, como já foi observado acima, através da análise dos exemplos do livro, os autores abordam o contexto da situação imediata de fala, mas deixam de lado os reflexos dos contextos histórico-sociais que marcam e modificam as noções de sentido de uma língua. Sendo assim, cabe acrescentar que teremos diferentes contextos, não exatamente mais ou menos flexíveis – como apontam os autores –, mas que promoverão adequações e, conseqüentemente, influenciarão nas escolhas lexicais dos pares sinônimos. A partir dessa perspectiva podemos concluir que “é impossível encontrar dois “sinônimos perfeitos” (ILARI&GERALDI, 2004. p. 46), na medida em que sempre haverá um aspecto que os diferenciará dentro do contexto em que são utilizados. Sendo este o princípio relevante dos autores, o qual queremos ressaltar ao abordar suas teorias neste trabalho de pesquisa.

Sendo assim, Ilari e Geraldi chegam muito próximos de tratar da sinonímia como um fenômeno social – ponto debatido por outros autores que serão abordados ao longo dessa monografia. Porém, trabalham o tema com superficialidade, deixando de lado as questões intrínsecas às línguas naturais como, por exemplo, o fato das relações sociais estabelecidas entre as pessoas estarem sempre refletidas na linguagem – o que resultou nas observações feitas ao longo das análises dos exemplos trazidos pelos autores. O resultado de tal abordagem é uma definição de sinonímia também superficial e empobrecida frente às questões sociais possíveis de se considerar no âmbito da língua em uso. Porém os autores são importantes e assim trazidos para discussão, por não defenderem a ideia arcaica de sinonímia como identidade plena de significado.

1.2 A SEMÂNTICA LINGUÍSTICA DE JOHN LYONS

No livro *Linguagem e Linguística - Uma Introdução*, John Lyons (1982) dedica-se à discussão da diversidade do significado em um capítulo intitulado: semântica. De acordo com o autor, embora o significado venha sendo trabalhado há muitos séculos, ainda não há uma

resposta adequada ao que ele seja exatamente. Segundo Lyons, as pressuposições feitas até a época levam-nos a pensar o significado como algo independente da linguagem e homogêneo por natureza. No entanto, o autor busca se afastar de tais pressuposições problemáticas e, para tanto, secciona o termo em quatro definições diferentes, a saber: *significado lexical*, *significado de sentença*, *significado gramatical* e *significado de enunciado*.

Embora trate dos diferentes significados separadamente, Lyons deixa claro que são conceitos relacionados e dependentes uns dos outros, ou seja, o significado de uma sentença depende do significado de seus lexemas constituintes e o significado dos lexemas, dependerá do significado da sentença em que aparecem; assim como a estrutura gramatical das sentenças é relevante para a determinação do seu significado, da mesma maneira que o enunciado onde a sentença está inserida; não obstante, o autor diferencia enunciado e sentença da seguinte maneira: “o significado de um enunciado engloba o significado da sentença enunciada, mas não se esgota nele” (LYONS, 1982, p.137), sendo então o significado de enunciado mais amplo, englobando, além do significado de sentença, elementos contextuais.

Além disso, Lyons acrescenta que a língua, visando sua função semiótica, pode pensar a questão da significação em três perspectivas, são elas: significado *descritivo*, *expressivo* e *social*. De forma geral, o significado descritivo possui um caráter propositivo ligado a um valor de verdade, pretendendo descrever uma determinada situação, é um ato de fala que visa primordialmente descrever. Enquanto o significado expressivo, ao contrário, tem um caráter não-propositivo e não pode ser explicado em termos de verdade; para entender melhor, observemos os exemplos:

(1) Santo Deus!

(2) João está surpreso.²

Em (1) supomos que João tenha feito a exclamação “Santo Deus!” com uma entonação que nos permita dizer que ele esteja surpreso; no entanto apenas a segunda frase possui a característica de descrever, nesse caso, uma emoção que pode ser definida como verdadeira ou falsa. Vale ressaltar que isso não se restringe ao fato de ser uma frase exclamativa e outra declarativa. Já o significado social é definido pelo autor como o significado “ligado ao uso da língua para estabelecer e manter os papéis e relações sociais” (LYONS, 1982,p.139). Essa divisão é importante para se pensar a sinonímia a partir da

² Exemplo retirado do livro do autor (LYONS, 1982, p.138).

perspectiva do autor, na medida em que atribui aos lexemas a combinação de ao menos duas dessas “formas” de significado, quando não os três.

Passemos então a abordagem do significado lexical proposta por Lyons.

1.2.1 Significado Lexical

De acordo com Lyons, a maioria das palavras não apresenta um significado bem delineado, suas fronteiras não são facilmente visíveis. O que torna difícil o estudo na perspectiva do léxico. O autor abordará em seu livro três concepções de sinonímia: *sinonímia absoluta*, *sinonímia completa* e *sinonímia imperfeita*. Vejamos como essas noções são desenvolvidas por John Lyons.

Logo no início, o autor propõe uma separação entre *sinonímia completa* e *sinonímia absoluta*. Do seu ponto de vista, sinônimos completos são aqueles que apresentam o mesmo significado descritivo, expressivo e social em uma faixa de contextos em questão, definindo nesse caso sinonímia como identidade de significação. Quanto aos sinônimos absolutos, o autor os apresenta como a categoria onde os lexemas devam ter a mesma distribuição e serem equivalentes em todos os contextos de ocorrências; sendo o primeiro caso raro e o segundo praticamente inexistente nas línguas naturais. Essas noções são apresentadas por Ilari e Geraldi (2004) através do que eles chamaram de sinonímia perfeita, estudadas na seção anterior.

Lyons acrescenta que a sinonímia absoluta pode ser restrita a contextos puramente descritivos e altamente especializados, como no caso de algumas palavras científicas. Para exemplificar o autor utiliza os termos *cecite* [‘caecitis’] e *tiflite* [‘typhlitis’]; ambos significam inflamação do ceco. Porém, além dessas palavras serem restritas a um grupo muito fechado, não coexistem, nem mesmo entre os especialistas, por muito tempo, sempre há aquela que passa a ser o termo padrão, pois como afirma Lyons: “qualquer outro termo que dispute aquele mesmo significado com ele ou desaparece ou adota um novo significado” (LYONS, 1982, p.144). Fato posteriormente reafirmado por Michél Bréal (1992). De acordo com John Lyons, esse fato se aplica à língua como um todo, não sendo uma particularidade específica desse grupo (palavras científicas).

Embora utilize uma nomenclatura (“sinonímia absoluta e sinonímia completa”) que nos remeta a uma noção inexistente do ponto de vista da teoria de Ilari e Geraldi, na medida em que não há duas ou mais palavras que possuam absolutamente ou completamente o mesmo significado, o que Lyons aborda em sua teoria semântica é a existência de uma oscilação,

dependente do contexto³, entre essas duas formas de sinonímia. Por exemplo, “*extensão*” e “*comprimento*” não são sinônimos absolutos porque não podem ser substituídos em todos os possíveis contextos sem que haja alguma alteração no significado. Vejamos: Se um estudante diz que precisa fazer um curso de extensão, em hipótese alguma, a palavra pode ser substituída por comprimento. No entanto, outros contextos permitem a permutação entre ambas, fazendo parecerem palavras totalmente sinônimas como no seguinte exemplo: A ponte Rio Niterói possui a/o extensão/comprimento de 14km. O autor aponta que essas nuances podem ser muito sutis, a ponto de não deixar claro qual a diferença no significado.

Lyons introduz uma “problemática” não analisada por Ilari e Geraldí, mas que posteriormente será desenvolvida e analisada por outros autores a serem abordados neste trabalho. O autor afirma que além do significado puramente descritivo, os lexemas apresentam uma série de associações decorrentes do seu uso frequente em certa gama de contextos. São as chamadas conotações, associadas pelo autor, em alguns casos, ao escopo do significado expressivo ou social dos lexemas. Por exemplo, a palavra “*flor*” tem o seu significado ampliado para além de contextos onde queiramos nos referir “à estrutura reprodutora característica das plantas angiospérmicas”⁴. A partir dos diferentes contextos onde a palavra geralmente é empregada podemos sinonimizá-la com *superfície* (à flor da pele), *delicadeza* (a nova professora é uma flor), *juventude* (a senhora está na flor da idade), *desconfiável* (João não é flor que se cheire), etc.; formando assim diferentes conotações do lexema *flor*.

Além das relações de sentido estabelecidas entre sinônimos completos e absolutos, discutidos até aqui, Lyons aborda uma *sinonímia incompleta* que, diferentemente das anteriores, não é rara. Essa é descrita como abrangente daqueles lexemas que apresentam apenas identidade em um “nível de significado”, ou seja, “os lexemas podem ser descritivamente sinônimos, mas ter significado expressivo e social diferente” (1982, p.145). É o que o autor chama de *sinonímia descritiva*, também conhecida como cognitiva ou referencial; por exemplo: as palavras ‘*pai*’, ‘*papai*’, ‘*papaizinho*’, ‘*paizão*’, são palavras que designariam uma relação sinonímica propriamente dita, a série demonstra que os falantes de uma língua utilizam os elementos disponíveis, de acordo com a sua preferência – subjetividade. Embora compreendam todos os elementos dessa série, utilizarão um deles com mais frequência. Outro exemplo trazido pelo autor referente aos sinônimos descritivos é a

³ Contexto: a palavra não foi definida, mas através dos exemplos e do modo como os autores utilizam o termo, podemos tomá-lo como o contexto imediato e contexto social.

⁴ Definição retirada Wikipédia, disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Flor>> Acesso em: 25 de agosto de 2017

série: ‘*banheiro*’, ‘*sanitário*’, ‘*WC*’, ‘*toalete*’, etc., explicitando o quanto os falantes fazem escolhas que partem do seu contexto histórico-social, ou seja, o que determina qual dos termos dessa série deve ser utilizado é o contexto social em que estamos inseridos, além de “demonstrar que existem tabus sociais dentro da comunidade linguística, de tal forma que o uso de determinadas palavras indica o grupo específico a que o falante pertence dentro da comunidade” (1982, p. 146). Sendo assim, de acordo com Lyons, podemos considerar nossas escolhas entre as palavras “adequadas” dentro das séries sinonímicas um reflexo do grupo social em que estamos inseridos – e também do contexto de enunciação em que nos pronunciamos. Esses tabus, mencionados pelo autor, afetam os significados expressivos e sociais dos lexemas, a partir dos quais se procura evitar o uso de tais palavras através dos eufemismos. O autor acredita serem os eufemismos grandes responsáveis pela mudança dos significados descritivos das palavras; o que caracteriza esse fenômeno como um grande produtor de sinônimos de uma língua.

John Lyons desenvolve um esboço de sinonímia como fenômeno social. Isso porque embora aborde o(s) significado(s) das palavras de maneira diferente daquela exposta por Ilari e Geraldi (2004), trazendo questões ligadas ao contexto de enunciação e uma pequena ligação do tema com algumas variantes sociais, como o caso dos eufemismos. Ele ainda o faz com superficialidade, deixando de lado questões que influenciam na relação dos significados das palavras e os significados oriundos do uso que os falantes fazem dela. No entanto, podemos dizer que os três autores chegam a mesma conclusão: não há duas palavras ou mais que possuam exatamente o mesmo significado. Concepção fundamental para o desenvolvimento desse trabalho e, por isso, tornam tais autores imprescindíveis para fundamentar a análise semântica que nós propomos aqui.

1.3 RODRIGUES LAPA E A PLURALIDADE DOS MEIOS DE EXPRESSÃO

A teoria semântica desenvolvida por Rodrigues Lapa (1982) tem em vista a Estilística, arte de bem escrever. Dessa maneira ele trata os sinônimos como os grupos de palavras ou modos de dizeres disponíveis para que haja a possibilidade de sermos o mais precisos quanto à expressão das nossas ideias e sentimentos; para que dentro de uma série de palavras ligadas por um sentido comum, também chamada pelo autor de série sinonímica, possamos escolher aquelas que melhor nos expressarão. Ou seja, “só escrevemos bem,

quando, na série sinonímica, escolhermos a palavra ou o grupo de palavras que melhor se ajustam àquilo que queremos exprimir” (LAPA, 1982, p.21). O autor afirma ainda que;

Se entendermos por sinônimos as palavras que têm sentido semelhante, parecido, é evidente que existem sinônimos. Agora, se considerarmos, como fazia supor a gramática antiga, que sinônimos são as palavras que têm o mesmo sentido, em breve nos convenceremos de que isso é impossível. (LAPA, 1982, p.22)

Com base nessa pequena introdução podemos antecipar que Lapa, assim como os autores abordados anteriormente, não tratará da sinonímia tendo em vista uma perspectiva de igualdade de significado entre as palavras, uma vez que se refere aos sinônimos como palavras relacionadas utilizadas para adequar nossa fala aos contextos e, assim, sermos o mais precisos quanto ao que queremos expressar.

Assim, adotando o primeiro conceito – sinônimos como palavras com sentidos semelhantes, o autor vai abordar a noção de sinonímia a partir de uma perspectiva social; demonstrando através desse viés o porquê das palavras não possuírem o mesmo sentido. Para Rodrigues Lapa, as palavras evocam os meios sociais em que as pessoas estão inseridas e, por isso, não pode haver duas ou mais palavras totalmente equivalentes quanto ao significado que expressam, uma vez que são utilizadas em contextos sociais distintos.

Começemos pelos diferentes dialetos. Lapa nos diz que dentro das linhas geográficas de um país como o Brasil, por exemplo, onde a língua oficial é “uma só” (o Português), de acordo com as regiões e Estados desse país, haverá nomes de plantas, utensílios e produtos variados que adquirirão diferentes nomenclaturas. Cada região adota uma dessas nomenclaturas em detrimento das outras que, as vezes, podem ser até desconhecidas na região em questão. Um exemplo é a fruta *tangerina*; na região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, a fruta é popularmente conhecida como *bergamota*; já nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, especialmente nos Estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e norte do Paraná, a mesma fruta é chamada de *mexerica*; em Pernambuco, e outros estados da região Nordeste, é conhecida como *laranja-cravo*; etc. Podendo, um morador de São Paulo, que não viaja e por isso “não tem” contato direto com outros estados, desconhecer que a mexerica é chamada pelos gaúchos de bergamota. Isto mostra que, mesmo em se tratando da mesma fruta, os sinônimos utilizados variam de acordo com a região do País e, por isso, não podem ser totalmente equivalentes.

Rodrigues Lapa acrescenta às divergências existentes entre os sentidos das palavras consideradas sinônimas, além das diferenças de dialetos, o fato de representarem diferentes classes sociais. Por exemplo: *pleno* e *cheio* são sinônimos; o par possui um sentido quase idêntico, mas assim não podem ser considerados, pois um é usado na linguagem comum (*cheio*) e o outro na linguagem formal (*pleno*). “[...] são termos usados em circunstâncias diferentes e basta esse fato para os tornar desiguais” (LAPA, 1982, p. 22). Nesse sentido, mesmo que o grau de divergência entre as palavras seja mínimo, como no exemplo mencionado, “dois fenômenos de expressão nunca são exatamente iguais [...] cada palavra, em dado momento, é portadora de um sentido, que adquire especial relevo no contexto.” (LAPA, 1982, p.23). O que quer dizer, então, que o contexto social tem grande influência na atribuição de sentidos às palavras. Sendo assim, de acordo com o autor, um dos principais “gatilhos” geradores de sinônimos seria a variedade do emprego das palavras de acordo com os diferentes meios sociais onde são empregadas. Isto quer dizer que quanto mais as palavras são utilizadas, mais formas de expressá-las, nos diferentes meios sociais, vão se solidificando na língua; por exemplo: *abdômen – ventre – barriga – pança. etc.*, são todas formas sinônimas de nos referirmos a uma mesma parte do corpo; porém são utilizadas em contextos completamente diferentes – uma mesma coisa pode ser dita de diversas maneiras dependendo apenas do meio social; sendo o grupo de palavras variações entre termos técnico, científico e expressões da gíria popular. Vale ressaltar que um falante nativo sabe exatamente os contextos em que as diferentes variações devem ser utilizadas, mesmo que a palavra não faça parte do seu meio social. Quando as pessoas se enunciam, elas fazem escolhas entre as palavras disponíveis nas séries sinonímicas, essas escolhas são um reflexo do meio social em que estão inseridas. Dessa forma, “os sinônimos são um espelho da sociedade: também se dividem em classes” (LAPA, 1982, p. 24).

Quando uma pessoa diz que está *bêbada*, logo sabemos que ela pertence às camadas mais baixas da sociedade, pois as pessoas mais “finas” diriam que estão *embriagadas*; nesse sentido, o par *bêbado – embriagado* são sinônimos que se diferenciam por conta do contexto social em que costumam ser empregados. Com relação a isso, Rodrigues Lapa acrescenta à sua análise do comportamento dos sinônimos uma observação importante: “pode dizer-se que há na linguagem uma dissimulação, uma espécie de hipocrisia – o reflexo de todas as atenuações, transigências e de desigualdades que a vida social, como está constituída, nos impõe” (LAPA, 1982, p. 25). Essa “dissimulação/hipocrisia” faz com que, por exemplo, um jornal, ao escrever sobre um furto, dependendo de quem seja o praticante da ação, mude o sinônimo escolhido para se referir ao ato. Sendo assim, se um homem pobre é o praticante, a

manchete logo apontaria o *ladrão* para repreendê-lo pelo *roubo*; no entanto, se o praticante é um homem da alta sociedade, então os jornais tendem a amenizar a ação abordando na manchete o possível *desvio de fundos* cometido. Esse fato é o que Rodrigues Lapa vai chamar de *eufemismos*; recursos utilizados para conveniências sociais. Seu emprego – a escolha entre os sinônimos – caracteriza um recurso da língua para atenuar a dureza de certas expressões socialmente grosseiras ou desagradáveis, como termos que exprimem a morte, o furto, a embriaguez, a idiotia, a mentira, etc.; sendo comumente empregado para caracterizar os sujeitos de determinadas classes, amenizando/adoçando certas expressões que não caem bem a determinadas camadas sociais, como no exemplo citado sobre o furto. Então, Lapa acredita que o eufemismo, além de refratar a negatividade que é socialmente atribuída à palavra, também varia de acordo com a camada social.

Como já foi mencionado no início desta seção, o autor agrupa os sinônimos em séries sinonímicas e, como conseguimos perceber, dentro dessas séries as palavras não podem ser consideradas exatamente iguais porque apresentam variações regionais, variações de registro de acordo com as classes sociais, além disso, podem ter também um valor eufemístico. Nessa perspectiva, além de tudo o que já foi dito, o autor ressalta que em uma série sinonímica, há palavras que exprimem sobretudo uma ideia, outras que exprimem sobretudo um sentimento. Ou seja, as palavras apresentam um valor sentimental e um valor intelectual, sendo que um desses valores deve prevalecer. Vejamos o exemplo utilizado por Rodrigues Lapa (1982, p. 26):

1. O lavrador *deixou* a casa e encaminhou-se para o trabalho.
2. Os filhos, cheios de fome, *abandonaram* a casa paterna.

Sobre os exemplos retirados do livro, o autor diz que *deixar* e *abandonar* são sinônimos por apresentarem uma ideia em comum: “a de separação”; porém esses verbos possuem valores distintos. No primeiro exemplo (*deixar*) essa separação ocorre de forma natural, como uma tarefa diária, sem sobressalto afetivo; já no segundo exemplo (*abandonar*) a separação está sobrecarregada de sentimentos, é uma separação dolorosa.

A partir dessa classificação entre valor intelectual e sentimental, Rodrigues Lapa acrescenta que a organização das séries de sinônimos não é feita de forma aleatória, ou seja, as palavras apresentam *diferenças quantitativas e qualitativas* que influenciarão nessa organização. Quanto as diferenças quantitativas, podemos dizer que as palavras são

organizadas de acordo com o grau de intensidade que apresentam, onde os termos sinônimos variam entre mais ou menos “intenso”. Por exemplo, *uso/abuso*, *mar/oceano*, *ribeiro/rio*. Lapa considera que as diferenças entre esses pares de sinônimos são quantitativas tomando como parâmetro a noção de grau, assim, colocando em uma escala, “rio” está em um grau acima de “lago”, “abusar” está um grau mais elevado do que “usar”, etc. Da mesma forma, *surpreendido/espantado*, *dócil/humilde*, *pensar/cismas*, etc. também são exemplos de sinônimos organizados em uma escala a partir do grau de intensidade que exprimem, sendo o primeiro vocábulo não tão intenso quanto o segundo. No entanto, esse segundo conjunto de pares sinonímicos serão escolhidos por um locutor de acordo com a sua sensibilidade frente ao que quer enunciar. Por isso, no enunciado: “o preço da cesta básica está cada dia mais *caro/dispendioso/abusivo*”, temos uma série sinonímica composta por sinônimos com graus de intensidade que os diferenciam, podendo serem escolhidos de acordo com o modo como o sujeito que se pronuncia se sente diante do aumento do preço, isto é, se ele é mais ou menos prejudicado, se seu dinheiro é ou não suficiente para acompanhar o aumento dos preços, entre outras circunstâncias contextuais. De acordo com o autor, quando nos referimos às coisas, atos, idéias, outras pessoas, etc., estamos atribuindo um valor que eles, em si, não possuem. Esse valor é evocado a partir de nós mesmos, da nossa relação com o elemento a que estamos nos referindo. Isso desencadeia o que o autor chama de *noção qualitativa*; tendemos achar as coisas boas ou más de acordo com o que elas nos causam: prazer ou desgosto. Por exemplo:

Suponhamos que Fulano vê o seu inimigo, vestido a primor e montado num soberbo cavalo. Diz logo em tom de mofa para o vizinho: - Ali vai aquele *pedante*, *escarranchado* na sua *pileca*! Deu um sentido pejorativo às suas representações (*pedante* em vez de *bem vestido*, *escarranchado* por *montado*, *pileca* em lugar de *cavalo*), levado pelo seu sentimento pessoal. (grifos do autor) (LAPA, 1982, p. 30)

O fato demonstrado através do exemplo serve para solidificar o que já havíamos visto antes com o autor: a língua reflete os meios e as relações sociais externas a ela, sendo os sinônimos utilizados para expressar nossas posições e sentimentos diante da realidade e dos outros.

Para finalizar, Rodrigues Lapa apresenta os dicionários analógicos, onde cada um dos elementos de uma série sinonímica sugere, por sua vez, outras palavras, com as quais tem ou pode ter certas afinidades. O princípio da analogia leva-nos a considerar numa palavra primeiro o seu contrário, depois todos os termos que se ligam a ela por associação de ideias. Como, por exemplo, no caso de *belo*, geralmente definido como aquilo que não é feio e

associado a diversas outras palavras como: beleza, formosura, graça, encanto, elegância, etc. É uma engrenagem, onde um termo “puxa” o outro e nenhum é exatamente igual.

Rodrigues Lapa e os demais autores analisados até aqui (Ilari e Geraldi e Lyons) abordam a sinonímia como palavras com sentido comum, mas não iguais. Eles apresentam o contexto como sendo a base para se pensar a relação entre as palavras. No entanto, Ilari e Geraldi e John Lyons fazem uma abordagem presos ao contexto linguístico, a partir do qual as análises se restringem a um contexto imediato de fala e a relação de sentidos discutida por eles é sistêmica, ou seja, a relação estabelecida entre as palavras é analisada no interior da língua, deixando assim de trabalhar com os fatores sociais que afetam a língua. Por isso, Rodrigues Lapa é um teórico importante para aprofundarmos nossa pesquisa, pois nos permite ampliar os horizontes que os primeiros autores apenas introduziram. Lapa propõe uma reflexão sobre os sentidos frente aos contextos sociais que intervêm no uso língua; desenvolvendo a partir dessa visão uma abordagem mais esclarecedora e completa sobre os sinônimos, tema que até hoje gera discussões.

1.4. A SINONÍMIA NA PERSPECTIVA DE *FRANK PALMER*

No capítulo “A estrutura lexical”, do livro intitulado “A semântica” (1986), Frank Palmer destina-se a escrever sobre o problema que estamos abordando neste trabalho: as relações de equivalência semântica.

Palmer propõe como tese central do seu texto “A estrutura lexical” (1986) o fato das línguas serem híbridas. Sendo assim, para entendermos o funcionamento de uma língua, a partir da perspectiva adotada pelo autor, precisamos entender que não existem línguas puras, ou seja, todas são constituídas pela hibridez de uma relação entre línguas que fazem parte da sua história de formação. A língua Portuguesa, por exemplo, pode ser entendida a partir da colonização do Brasil, onde as línguas indígenas são as primeiras a entrarem nessa história. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, houve a catequização dos povos originários e domínio da terra, o que fez com que a língua do colonizador entrasse na história como a língua oficial; consecutivamente, com a escravização dos africanos promovida pelos portugueses, os dialetos desse povo também são introduzidos e, embora os colonizadores tenham escravizado os negros e dizimado os índios, o repertório lexical desses povos permaneceu, mesmo sendo o Lusitano dominante. Além desse processo, temos ainda uma

colonização posterior; em meados dos anos sessenta, o Brasil fica sob o domínio da França e, com isso, a Língua Portuguesa é impregnada por galicismos. Já em meados dos anos setenta, a França começa a decair e assim a nação americana passa a ter uma influência hegemônica sobre os brasileiros, o que impregna a língua de anglicismos. No “final” desses processos, temos uma língua lusitana, africana, indígena, com traços do Francês e ainda do Inglês. A partir desse percurso histórico podemos notar que a hegemonia, além de econômica, também é linguística. Essa perspectiva histórica de hibridez das línguas é importante por permear toda a teoria sobre a sinonímia de Palmer, fazendo-se assim necessária para entendermos o autor.

A partir desse quadro histórico das línguas, o autor aborda primeiramente a questão da sinonímia como a relação entre palavras de origens diferentes; considerando a etimologia um “dispositivo” para a formação de sinônimos. Como podemos observar nas palavras de Frank Palmer, a respeito da língua Inglesa:

Tem-se dito muitas vezes que o inglês é uma língua particularmente rica em sinônimos pela razão histórica de que o seu vocabulário teve duas origens diferentes – por um lado o anlgo-saxão, e por outro o francês, o latim e o grego. [...] as palavras “anglo-saxônicas” são consideradas “nativas”, sendo “estrangeiras” ou “empréstimos” as de origem francesa, latina e grega. (1986, p. 73)

A citação, embora trate especificamente da língua Inglesa, pode ser deslocada para o âmbito de qualquer língua, uma vez que todas são etimologicamente heterogêneas. Sendo assim, a primeira maneira de pensarmos a sinonímia é levando em consideração a relação estabelecida entre os *empréstimos* e as *palavras nativas*. Para pensarmos essa relação, primeiro precisamos compreender o que são empréstimos. Quando uma palavra nova vem da sua língua fonte (língua de origem), ela é recebida na língua alvo como *estrangeirismo*, também chamado de *empréstimo total*; nessa fase de introdução, a palavra mantém sua estrutura morfofonética e o seu significado de origem; no entanto, quase ao mesmo tempo em que entram na língua alvo, os estrangeirismos tornam-se *empréstimos parciais*, ou seja, a palavra sofre uma adaptação ao padrão morfofonético da língua alvo, além de poder sofrer mudanças no significado. Sendo assim, essas palavras entram na língua alvo e, logo, encontram palavras para sinonimizar. Por exemplo: a palavra “*cabaret*”, do Francês, significa casa de show e tem um valor positivo na língua fonte; porém, ao entrar na língua Portuguesa, ela sofre uma adaptação ao padrão morfofonético dessa língua alvo, passando a ser escrita “*cabaré*”, além de mudar o significado, sinonimizando agora com prostíbulo, o que lhe atribui um valor negativo. Vejamos outros exemplos semelhantes:

(1) Lunch (do Inglês: almoço) → Lanche (refeição rápida, merenda)

(2) Chambre (do Francês: quarto) → Chambre (roupão)

Essas alterações no significado ou no padrão morfofonético, ou em ambos, dão-se numa tentativa das línguas de combater os estrangeirismos; o que as complexifica e nos mostra o quanto estão em constante transformação.

Sendo assim, considerando esses aspectos da língua apontados por Palmer, podemos nos basear na teoria desse autor para confirmarmos a tese da impossibilidade de existência de sinônimos perfeitos, ou seja, de palavras com o mesmo significado, uma vez que ele escreve a seguinte passagem:

Podemos, contudo, continuar a dizer que não há sinônimos integrais, que duas palavras nunca têm exatamente o mesmo significado. Seria, na verdade, muito pouco provável que duas palavras exatamente com o mesmo significado pudessem ambas sobreviver. (1986, p. 74)

A partir de agora analisaremos as maneiras através das quais o autor busca provar que as palavras não possuem semântica plena.

Em um primeiro momento, Frank Palmer atribui aos dialetos, o fato dos conjuntos de sinônimos serem diferentes. Assim como Rodrigues Lapa (1982), Palmer também considera a divisão geográfica do país uma grande ferramenta para formação de sinônimos. Diferentemente de alguns países como, por exemplo, a Suíça, onde a variação dialetal se dá entre três línguas diferentes – oficiais por lá, o Brasil possui apenas uma língua oficial, o Português, porém esse Português é diferente conforme a região que analisarmos, fazendo com que essa variação seja intralinguística. O Brasil é um país geograficamente muito amplo e dividido etnicamente, dependendo da região a influência ligada à nossa língua varia; por exemplo, no nordeste o Português tem mais influência africana e indígena, enquanto no sul a influência é mais espanhola e europeia. Dessa maneira, dentro do contexto brasileiro, para um significante temos múltiplos significados; fazendo com que a variação dialetal seja um fator contribuinte para formação de sinônimos. Para exemplificar podemos citar o léxico gastronômico, onde, por exemplo, o que chamamos de *torrada* no estado do Rio Grande do Sul, em São Paulo é conhecido como *misto quente*; o que na Bahia é chamado de *carne de sol*, no Rio Grande do Sul é popularmente conhecido como *charque*. Ou seja, “é apenas uma questão de se falarem diferentes variedades da mesma língua que tem vocabulário diferente” (PALMER, 1986, p. 75). Sendo assim, as palavras não podem ter exatamente o mesmo

significado, pois fazem partes do registro de certas regiões, sendo muitas vezes específicas daquela região e, com isso, até desconhecidas em outros contextos geográficos.

Em um segundo momento, o autor vai abordar a relação sinonímica entre palavras de diferentes *registros* ou *estilos*. Para Palmer esse tipo de relação é mais complexa do que a abordada anteriormente, pois:

Normalmente, não passamos de um dialeto para outro, mas podemos mudar de estilo durante a mesma conversa e, em particular, usar vocábulos diferentes para obter efeitos diferentes. (PALMER, 1986, p. 75)

Ou seja, a complexidade sinonímica se estabelece nas mudanças de registros proporcionadas pelos diferentes contextos de enunciação. Na língua Portuguesa, por exemplo, podemos destacar quatro formas de variação de registros, são elas: norma culta-padrão; registro coloquial; jargões metalinguísticos e; jargões de classe. Podendo, uma mesma pessoa, em uma mesma conversa, passar da norma culta para o registro coloquial ou do coloquial para os jargões metalinguísticos, etc. Essa livre variação de registro é importante e complexa, pois, dependendo do registro utilizado, a língua se torna hermética; isto quer dizer que temos a disposição, no léxico da língua, várias palavras para dizer “a mesma coisa”, variando apenas o registro e, ao variar o registro, podemos barrar o entendimento do nosso interlocutor. Vejamos o exemplo:

(3) O político foi *vilipendiado* pelo repressor da *jurisprudência*.⁵

Este enunciado está de acordo com o registro padrão, o que pode interceptar o entendimento de algumas pessoas, principalmente daquelas pertencentes às classes sociais mais baixas. Sendo assim, a mesma frase escrita no registro coloquial ficaria da seguinte maneira:

(4) O político foi *humilhado* pelo repressor da *lei*.

Dessa maneira, as inúmeras palavras semelhantes que podemos escolher, de acordo com o registro que pretendemos nos enunciar, aumentam a produtividade sinonímica da língua. No entanto, além disso, também caracterizam as formas de estratificação social dos sujeitos, pois, dentro das sociedades, alguns registros possuem mais prestígio do que outros – ressaltando que esse fato não é oriundo da língua, mas mais um reflexo social que intervém

⁵ O exemplo foi retirado das anotações feitas durante as aulas de Semântica Frasal e Textual, ministradas pela professora Ana Zandwais, no primeiro semestre de 2017.

sobre ela. De acordo com o Palmer, as relações sinonímicas variam de acordo com o contexto social e geográfico porque todos os significados são valorativos, ou seja, o valor das palavras não está na língua, mas fora dela; o que diferencia o pensamento de Palmer dos demais autores abordados, uma vez que nenhum se refere a esse fato. Um exemplo sobre o que estamos tratando é a palavra *anarquista*, considerado sinônimos de *ácrata/auto gestor* na Dinamarca, enquanto no Brasil sinonimiza com *baderneiro*, esclarecendo o fato dos significados não estarem na língua, isto é, nas palavras propriamente ditas, mas serem “formados” pelas sociedades que se apropriam dessas palavras.

Em um terceiro momento, Palmer aborda o significado *emotivo/valorativo* e o significado *cognitivo* das palavras. Diferentemente de Rodrigues Lapa, que separa o significado das palavras entre valor intelectual e valor sentimental, onde um deve sempre prevalecer sobre o outro - o que nos faz acreditar que esse autor trabalhe o valor mais ligado à língua; Palmer, no entanto, vai dizer que separar esses significados (valorativo e cognitivo) é acreditar que existem palavras com um significado puramente objetivo e neutro (cognitivo) em oposição a outros que não são neutros; o que seria completamente equivocado a partir do ponto de vista do autor, afinal, como já foi mencionado, todos os significados são valorativos e não se encontram na língua, mas fora dela, apenas intervêm sobre ela; conforme ilustrado com a palavra *anarquista*. Palmer acredita que o significado das palavras não é apenas objetivo, tendo muito de subjetivo, afinal, toda objetividade é atravessada por algum tipo de subjetividade⁶.

Em um quarto momento, para sustentar que os sinônimos não são exatamente iguais, Palmer aborda o que chamamos de restrições seletivas. Segundo o autor, “algumas palavras estão limitadas quanto à sua ocorrência, isto é, só podem ocorrer em conjugação com outras palavras. [...] Isso parece não estar relacionado com o seu significado, mas com as palavras a que se ligam.” (PALMER, 1986, p.76) Assim sendo, nos remetemos ao fato de existirem palavras cujos sentidos se apliquem a determinados seres, mas não a outros, como afirma o autor com o exemplo do adjetivo *rançoso*, geralmente ligado a bacon, manteiga, etc. Da mesma forma que *podre* é ligado a frutas, ovos, etc.; sendo esses dois sinônimos direcionados a seres inanimados.

(5) O bacon está *rançoso*.

⁶ Formulações também abordadas nas teorias do autor Michel Bréal, acessadas no livro “Ensaio de Semântica”, de 1992.

(6) O bacon está *podre*.

No entanto, cabe ressaltar que atualmente, essas palavras já são atribuídas a seres animados, mas os sentidos se modificam, por exemplo, quando rançoso é ligado à pessoas (O menino estava rançoso) o termo passa a sinonimizar com outros como, por exemplo, fedorento ou ainda manhoso⁷. Palavras como essas servem para por em xeque um teste elaborado por alguns semanticistas, os quais Palmer traz para o seu texto a fim de desmistificá-los, ou seja, para comprovar sua tese da inexistência de sinônimos perfeitos. De acordo com tal teste, os sinônimos integrais podem alternar livremente em todos os contextos possíveis, sendo então a substituição o modo de testar os pares sinonímicos. Mas como vimos nos exemplos acima, isso não é possível, sendo o contexto imprescindível para se pensar os sentidos. Está claro que a tendência é que todos os sinônimos sejam parciais e não integrais. Vejamos outros exemplos:

(7) O rio é *profundo*.

(8) O olhar daquela mulher é *profundo*.

Nos enunciados acima, a palavra profundo adquire diferentes significados; no exemplo (7), pode sinonimizar com *fundo*, enquanto no exemplo (8) sinonimiza com *intenso*. Isso porque o mesmo item lexical adquire sentidos diferentes de acordo com os contextos em que é empregado, o que possibilita que sinonimize com diferentes termos, inclusive, esses sinônimos podem não ter relação entre si (como fundo e intenso). Isso nos impulsiona para o próximo tópico abordado pelo autor.

Em um quinto momento, Palmer introduz o que Rodrigues Lapa (1982) chama de princípio da analogia, o qual nos leva a considerar numa palavra todos os termos que se ligam a ela por associação de ideias. Retomemos o exemplo da palavra *rançoso*; esta muda de significado de acordo com o contexto em que é aplicada e tem como sinônimos possíveis os termos “podre”, “mofado”, “fedorento”, etc. Podendo sinonimizar com *mofado* quando empregada a seres inanimados, mas sendo atualmente também sinonimizada com *fedorento* quando associada a seres animados. Dessa maneira, “se procurarmos sinônimos para cada uma destas palavras, obteremos para cada uma um novo conjunto e, assim ir-nos-emos afastando cada vez mais do significado da primeira palavra” (PALMER, 1986, p. 77). Vejamos o exemplo:

⁷ Este tipo de ocorrência justifica-se pela variação de registro.

(9) Rançoso⁸ → mofado → embolorado → estragado → podre → velho: etc.

Rançoso → fedorento → fétido → pútrido: etc.

O exemplo (9) mostra que rançoso tem como sinônimo fedorento, que por sua vez tem como sinônimo fétido e, assim consecutivamente. Deixando claro que uma palavra desencadeia o uso de outra que, por sua vez, desencadeia outras e, quanto mais vamos em busca de sinônimos para elas, mais nos afastamos do significado da palavra com que iniciamos, ou seja, dentro desse quadro analisado das relações de sinonímia seria impossível afirmar que existem palavras com o mesmo significado ao ponto de serem substituíveis em todos os contextos. Afinal a língua é complexa, orgânica e está sempre em transformação. Para comprovar suas afirmações, Palmer aborda um segundo teste de sinonímia; nesse, para que duas palavras sejam sinônimas elas devem ter os mesmos antônimos. Voltemos para o exemplo da palavra profundo. Aplicando esse teste, no exemplo (7) o antônimo de profundo seria *raso*; enquanto no exemplo (8) o antônimo seria *superficial*. Sendo assim, mais uma vez estamos diante da comprovação de que o contexto é responsável por modificar os sentidos das palavras, o que pode atribuir a uma mesma palavra, sinônimos diferentes de acordo com questões contextuais externas à língua; ou seja, definitivamente toda sinonímia é parcial.

Por analisar as influências sociais e buscar um estudo semântico fundamentado na diacronia, Palmer se depara com os valores ideológicos e históricos das palavras. De acordo com o autor, tendemos a associar às palavras certas características dos objetos que elas designam. Certos valores são indissociáveis de seus sujeitos, como, por exemplo, a palavra *mulher* é sempre associada à *fraqueza*; assim como *porco* é associado a *sujo*. No entanto esse não é um fato linguístico, mas histórico e social. Ou seja, o fato desses adjetivos serem associados a tais substantivos não tem relação nenhuma com a língua propriamente dita, pois é uma questão histórica ligada aos valores da sociedade onde elas circulam. Antigamente o animal porco era transmissor da febre amarela e a mulher, desde sempre, foi vista apenas a partir das suas características físicas, tidas como frágeis. Por isso, dizer que o porco é sujo e que as mulheres são frágeis são conotações restritamente ligadas a pré-conceitos construídos ao longo dos anos. Por isso, atualmente utilizamos, por exemplo, porco como sinônimo de sujo, quando queremos nos referir a pessoas ou animais sujos: O João é um *porco*. Outros exemplos de conotações socialmente atribuídas às palavras, que vemos atualmente, são: a

⁸ Exemplos retirados do Dicionário Analógico do Aulete Digital, disponível pelo site: “<http://www.aulete.com.br/analogico>”.

palavra *pobre* como sinônimo de *relaxado*; *loira* como sinônimo de *burrice*; etc. No entanto, atualmente algumas dessas conotações cristalizadas em nossa sociedade já são questionadas e reivindicadas, tornando-se socialmente desagradáveis.

Para finalizar sua abordagem sobre as relações entre os sinônimos, Palmer traz uma questão importante: os eufemismos. Nós vivemos em sociedades que designam o que é certo ou errado falar e fazer, desde antes de nós nascermos e, por isso, existem certas palavras socialmente consideradas tabus, ou seja, palavras que carregam conotações negativas e que por isso devem ser evitadas. Porém, para não deixarmos de nos referirmos aos objetos que essas palavras designam nós criamos sinônimos para elas que refratem às suas negatividades, ou seja, recorremos aos eufemismos. De acordo com Palmer, as pessoas tendem a mudar o nome das coisas. Isto quer dizer que “uma palavra torna-se desagradável por estar relacionada com algo socialmente desagradável e surge então outra palavra, um eufemismo, que vai ocupar o lugar da anterior.” (PALMER, 1986, p. 78). Por exemplo:

(11) Ao invés de chamarmos uma pessoa de *negra* (pejorativo), dizemos *afro descendente*; ao invés de *deficiente*, dizemos *portador de necessidades especiais*, etc.

Esse exemplo demonstra que vivemos em uma sociedade onde se luta contra o racismo e contra outros tipos de discriminação, fazendo com que o termo “negro” (entre outros relacionados, como: preto, negão, etc.), usado por muito tempo para diminuir as pessoas dessa raça, se tornasse atualmente um tabu. Porém, para não deixar de se referir a essas pessoas, “criou-se” o termo *afro descendente* a partir do qual nos referimos às mesmas pessoas, mas evitando a carga negativa da primeira palavra. Dessa maneira, negro e afro descendente são sinônimos. No entanto, o que chama a atenção do autor para os eufemismos são os fins para os quais eles são utilizados. De acordo com Palmer, esse fenômeno é uma falsa sinonímia, pois o eufemismo é utilizado para refratar a negatividade socialmente atribuída a uma palavra, ou melhor, para ocultar a realidade designada. Sendo assim, “esse processo não tem fim, pois o desagradável é o objeto e não as palavras” (1986, p. 78), o que torna-o um grande dispositivo para formação de sinônimos.

Sendo assim, podemos concluir, baseados no que Palmer apresenta, que as palavras são cunhadas de valores que extrapolam os significados cognitivos, são valores sociais que variam conforme o contexto em que são enunciadas, não sendo fixos, nem estáticos; o que faz com que a sinonímia parcial prevaleça e a produtividade sinonímica das línguas seja elevada. Afinal, para o autor, as línguas são complexas, orgânicas e, assim, sempre sujeitas a

transformações – perspectiva imprescindível para se pensar as relações dos significados das palavras no âmbito que qualquer língua.

2 A SINONÍMIA NA INTERNET

A internet tornou-se um dos mecanismos de disseminação de informação mais rápido e prático da atualidade. A grande maioria das pessoas possui um celular à mão, pronto para navegar na internet a fim de obter uma resposta imediata a qualquer dúvida que seu usuário necessite esclarecer. Temos hoje, no mundo virtual, uma imensa gama de sites com o propósito de esclarecer as dúvidas dos internautas. Os conteúdos dos sites são de todas as áreas do conhecimento; logo, noções sobre os sentidos das palavras também encontram-se disponíveis para consultas na internet. Sendo assim, pretendemos complementar nossos estudos abordando nesta monografia a maneira como a sinonímia é conceituada na internet. Além disso, alguns livros e materiais didáticos trabalham os sinônimos vinculados ao dicionário, porém, frente a essa nova realidade digital, os velhos e bons dicionários e manuais, livros grandes e pesados, estão atualmente sendo substituídos por plataformas on-line. Com isso, buscamos analisar como a noção de sinonímia é apresentada na internet, além de fazermos uma comparação entre os dicionários impressos e digitais. Refletiremos sobre os dicionários digitais, visando uma análise que nos permita afirmar até que medida esses dicionários podem (ou não) auxiliar na pesquisa dos sinônimos, já que os impressos não são fontes adequadas para isso.

Sendo assim, precisamos refletir sobre as noções de sinonímia que encontramos na internet. Como elas são formuladas? Quem as disponibiliza? Os dicionários digitais são diferentes dos impressos? Vejamos como a relação entre os sentidos das palavras é abordada em algumas plataformas virtuais.

2.1 A WIKIPÉDIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

A Wikipédia é uma ferramenta muito utilizada pelos estudantes. Nessa plataforma encontramos conteúdos referentes a todas as áreas do conhecimento, sendo interessante ressaltar que a escrita dos verbetes é feita de maneira colaborativa, ou seja, todas as informações disponibilizadas no site são o resultado de uma escrita em conjunto entre colaboradores que desejam contribuir com o seu conhecimento, não necessariamente científico, para a formulação de tais informações. Isso quer dizer que qualquer pessoa pode criar um novo artigo ou editar outro já existente, tornando-os rapidamente disponíveis para consultas. Sendo as edições abertas ao próprio público consumidor não estamos livres de informações falsas ou supressões de informações relevantes, o que compromete, de certa

forma, a veracidade dos conteúdos. Porém, os vandalismos⁹, quando são identificados pelos leitores, também são rapidamente corrigidos pelos mesmos. É como um ciclo de informações, onde as escritas e edições são feitas concomitantemente pelos usuários no momento em que são publicadas. No entanto, nem todos os leitores têm condições de fazer intervenções nos verbetes elaborados de forma superficial, equivocada ou falseada, permitindo que algumas informações irregulares circulem livremente até que alguém dê conta do erro.

Através de sites construídos de forma colaborativa, os usuários da língua adquirem autonomia para elaboração de verbetes que, levando em consideração a velocidade da disseminação de ideias na internet, são atualizados constantemente, caso essencial que não acontece com os livros e dicionários impressos, cujo processo de edição é muito lento, além disso tornam-se materiais de difícil acesso para determinadas classes sociais devido aos seus elevados valores de mercado. Por esse lado, a Wikipédia é uma grande aliada da população, mas também deve ser utilizada com cautela, pois aqueles que elaboram os verbetes não necessariamente possuem conhecimento linguístico e metalinguístico. Vejamos um exemplo de verbetes produzidos na Wikipédia:

Quando pesquisamos por “sinônimos”, a Wikipédia nos disponibiliza as seguintes informações:

“**Sinônimo** ou **sinónimo** (do grego antigo σύν, translit. *syn*: 'com'; e ὄνομα, translit. *ónyma*: 'nome') é a palavra que tem significado idêntico ou muito semelhante ao de outra. Exemplos: carro e automóvel, cão e cachorro, reto e íntegro.

Os sinônimos são palavras "da mesma categoria gramatical, com sentido parecido e com forma diferente, que podem intercambiar-se em determinados contextos com ou sem matizações de significado".^[1] (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sin%C3%B4nimo>. Acesso em: 07 de agosto)

Podemos observar diferentes vertentes teóricas nessa tentativa de explicação do conceito de sinonímia. São definidos como significados idênticos e também como sentidos parecidos e intercambiáveis em determinados contextos e outros não.

A primeira definição traz a ideia dos sinônimos como “palavras idênticas ou muito semelhantes”, tal concepção já foi contestada pelos linguistas e filólogos, tais como Frank Palmer (1986) e Michel Bréal (1992), pois a visão de que existem sinônimos perfeitos é comprovadamente uma visão equivocada do comportamento das palavras no que envolvem variações de registros e situações concretas de uso. De acordo com Michel Bréal, se duas

⁹Vandalismo: termo usado pelos administradores da Wikipédia para referirem-se às inverdades publicadas intencionalmente.

palavras forem idênticas, uma tenderia a desaparecer da língua. Nos exemplos acima temos a apresentação de sinônimos, tais como: reto e integro. Não temos aqui sinonímia integral, pois se trata de variações de registro, onde o termo “reto” é utilizado de forma coloquial e o termo “íntegro”, a partir do paradigma da norma culta.

Ainda na Wikipédia, abaixo da explicação citada anteriormente, há uma subdivisão do tema, onde aparecem os sinônimos perfeitos e imperfeitos. Os considerados perfeitos são definidos como palavras com significados iguais, enquanto os imperfeitos são as palavras com significados aproximados. Vejamos as palavras que aparecem como sinônimos perfeitos, ou seja, aquelas consideradas com significados idênticos:

Sinônimos perfeitos e imperfeitos:

Sinônimos perfeitos:

São os vocábulos que têm significado idêntico. Exemplos:

bonito e belo

após e depois

língua e idioma

morrer e falecer

avaro e avarento

alfabeto e abecedário

léxico e vocabulário

brado e grito [...]

(Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sin%C3%B4nimo>. Acesso em: 07 de Agosto)

A partir da definição que atribui aos sinônimos perfeitos identidade de significado, podemos pensar que, sendo assim, as palavras citadas no exemplo poderiam ser substituídas em qualquer contexto sem que houvesse diferença entre uma e outra. No entanto, contestamos essa ideia. Os vocábulos apresentados no exemplo acima são sinônimos, pois “estão ligadas entre si por uma noção comum” (LAPA,1982,p.21), porém, dizer que elas podem ser intercambiáveis em qualquer contexto é limitar a língua à inércia e não considerar sua mutabilidade decorrente do uso que os falantes fazem dela. Podemos notar, por exemplo, entre as palavras *morrer* e *falecer* citadas acima, que uma possui uma carga mais eufemística que a outra, ou seja, *morrer* possui uma conotação negativa dentro da nossa sociedade, o que faz com que algumas pessoas, para se referirem à morte de alguém, utilizem o termo *falecer*, minimizando essa carga negativa. Quanto a *brado* e *grito*, por exemplo, a primeira é utilizada em contextos mais formais, sendo ligada ao paradigma da norma culta, enquanto a segunda é empregada em um ambiente mais coloquial, o que gera uma variação de registro entre as

palavras, fazendo com que sejam escolhidas de acordo com a situação de enunciação¹⁰ presenciada pelo falante, o que torna o emprego de uma em detrimento da outra uma questão de adequação ao contexto. Já com relação aos exemplos *bonito* e *belo* podemos afirmar, baseados na perspectiva de Rodrigues Lapa (1982), que a suposta igualdade de significado atribuída a elas é quebrada no momento em que percebemos uma variação no grau de intensidade dessas palavras. Nesse sentido “belo” representa a ideia de perfeição e de harmonia, enquanto “bonito” é uma redução de belo para nos referirmos àquilo que simplesmente não é feio, havendo assim uma variação do grau de intensidade de um termo em relação ao outro. O que queremos esclarecer com essa análise dos exemplos apresentados na Wikipédia como representantes de uma sinonímia perfeita é, justamente, o fato de não haver tal igualdade. Quando observamos a língua a partir da perspectiva social percebemos que: por mais que duas palavras aparentemente queiram dizer a mesma coisa, sempre haverá um pequeno traço no significado que as diferenciará. Sendo assim, sob o ponto de vista dos teóricos até então analisados, as concepções apresentadas pela Wikipédia são em parte equivocadas, o que gera problemas no modo de ilustrar com exemplos. Os conceitos dessa plataforma, por serem fundamentados no que poderíamos chamar de “mistura teórica” – embaralhando os conceitos que definem sinônimos como as palavras com significados iguais e aqueles que os definem como palavras parecidas, intercambiáveis apenas em determinados contextos – podem gerar confusão para os leitores menos experientes. Podemos atribuir essa falta de esclarecimento a respeito desse fenômeno semântico à disseminação de uma visão arcaica e equivocada presente ainda hoje nas escolas e livros didáticos de baixa qualidade. Autores como Palmer (1986), Rodrigues Lapa (1982), Lyons (1982) e Ilari e Geraldi (2004), defendem e comprovam que não existe sinonímia perfeita. Nesse sentido, a Wikipédia possui suas vantagens, pois é constantemente atualizada por seus usuários, dispondo assim de explicações para a maioria dos questionamentos que circulam pelo mundo, além de ser facilmente acessada por qualquer pessoa com acesso à internet, mas, como já foi mencionado, deve ser utilizada com cautela, afinal, os conteúdos disponibilizados, por serem o resultado de edições abertas ao próprio público consumidor, não estão livres de informações falseadas. O conceito de sinonímia é um exemplo de que precisamos consultar a Wikipédia com atenção e cautela, pois não apresenta uma explicação clara que possa ajudar o professor ou o aluno. Confundindo ainda mais o estudo sobre as palavras sinônimas.

¹⁰ Enunciação: termo empregado ao longo da obra “O aparelho formal da Enunciação” de Emille Benveniste (1970). Utilizada aqui para nos referirmos ao que o autor chama o colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, ou seja, o momento em que o locutor se apropria da língua para tornar-se sujeito do discurso.

2. 2 OS DICIONÁRIOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Os dicionários e materiais impressos elaborados “à moda antiga”, para não perderem totalmente seu espaço para os sites e materiais da internet, atualmente, estão se inovando com versões digitais. Podemos citar dicionários famosos como, por exemplo, o dicionário Aurélio Buarque de Hollanda (2008), disponível para consulta na internet. No entanto existem também dicionários wikis que não possuem critérios semânticos e linguísticos para definição dos verbetes e que, assim como a Wikipédia, são elaborados com a participação dos usuários. Como exemplo temos o Caldas Aulete que possui diferentes políticas de elaboração de verbetes: uma tradicional e outra Wiki – especificadas mais adiante. Sendo assim, analisaremos neste trabalho três dicionários digitais, sendo dois deles em versões wikis, a saber: Aurélio Buarque de Hollanda, Caldas Aulete e o Wikicionário. O primeiro citado, Aurélio Buarque de Hollanda, é apenas uma versão online do mesmo dicionário impresso, sendo os dois seguintes, Caldas Aulete e o Wikicionário, versões wikis. Nossa análise será direcionada à comparação entre a funcionalidade desses dicionários para o ensino de sinônimos.

Mas qual é a diferença de uma versão digital (tradicional) para uma versão wiki? Os dicionários tradicionais, apresentados em suas versões simplesmente digitais, são muito parecidos com as versões impressas, sendo seus verbetes sucintos. De acordo com Palmer, os dicionários (nesse caso especificamente os impressos) não bastam para se saber tudo sobre uma palavra, pois os dicionaristas fazem algumas escolhas de seus critérios, baseadas em geral na etimologia das línguas. O que faz com que se estabeleça uma distanciação da língua em uso pelos falantes. Ou seja, os dicionários impressos e, conseqüentemente, suas versões digitalizadas, não são uma referência suficiente para se estudar as relações semânticas. Em contraponto, as versões wikis são interativas e atribuem autonomia ao usuário da língua, estando assim, em constante modificação; em alguns casos modificações livres, como na Wikipédia, em outros, modificações revisadas antes de serem liberadas para circularem pela internet, como no Caldas Aulete.

A diferenciação entre essas duas formas/versões de elaborar um dicionário na internet fica mais fácil de ser elucidada a partir da análise dos verbetes. Vejamos como cada dicionário apresenta, por exemplo, o verbe “cabo”:

A. Dicionário Aurélio (2008 – 2017):

- 1 - Parte por onde se seguram ferramentas, utensílios, etc.
- 2 - Fio do telégrafo submarino.
- 3 - Fio ou conjunto de fios usados para telecomunicações ou para controle de um mecanismo.
- 4 - Condutor elétrico.
- 5 - Feixe de fios entrelaçados.
- 6 - Réstia.
- 7 - Corda grossa de uma embarcação.
- 8 - fiar o cabo pela ponta: largar a amarra por mão.

Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27

(Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cabo>>. Acesso em: 09 Agosto, 2017)

B. Caldas Aulete:

cabo1 (ca.bo)

sm.

1. Mil. Patente militar imediatamente abaixo do sargento [Ver quadro da Hierarquia Militar Brasileira no verbete hierarquia.]
2. Mil. Militar que tem essa patente
3. Geog. Porção litorânea de continente, que se estende ou se projeta na direção do mar, em forma de ponta; PROMONTÓRIO
4. Parte final ou elemento terminal de algo; porção extrema; fim, término
5. Chefe ou comandante, cabeça (de um grupo, empreendimento etc.)
6. PE Aquele que tem a seu encargo uma propriedade canvieira
[F.: Do lat. caput.]

Cabo eleitoral

- 1 Em eleição, pessoa que trabalha para conseguir votos para determinado candidato

Cabo aéreo

- 1 Cabo (3) suspenso livremente entre dois pontos de apoio, de vários tipos para vários fins.

Cabo coaxial

- 1 Elet. Eletrôn. Cabo elétrico, em que um dos fios condutores é envolvido por um cilindro oco que também é um condutor, e dele isolado.
- 2 Cabo elétrico em que um fio condutor é envolvido por malha metálica (e dela isolado) que constitui outro condutor.

Cabo de laborar

- 1 Mar. Cabo (4) que passa em poleame com roldana, us. para içar, mover etc. [Cf.: cabo fixo.]

[...]

Cabo solteiro

- 1 Mar. Cabo (4) sem aplicação determinada, disponível e à mão para emprego onde necessário.

Cabo submarino

- 1 Cabo elétrico ou óptico ao longo do fundo do oceano, como meio de transmissão de sinais entre continentes.

Usos Idiomáticos:

A/ao cabo de

- 1 No fim de, ao final de; depois de transcorrido (certo tempo, percurso ou processo) ou depois de realizada (certa ação), de completada (certa contagem, quantidade etc.):
Ao cabo de dez minutos já terminara a prova

Ao cabo de contas

1 Afinal, no final das contas, no frigir dos ovos

Dar cabo de

- 1 Matar, eliminar
- 2 Extinguir, acabar com: As crianças deram cabo de todo o sorvete
- 3 Concluir (ação, tarefa, trabalho etc.); levar a cabo
- 4 Destruir, estragar

De cabo a rabo

- 1 Do princípio até o fim; de cabo a cabo

Dobrar o cabo (da Boa Esperança)

- 1 Atingir e ultrapassar certa idade, convencionada como marco para o bom exercício de competência, maturidade etc.

Levar a cabo

- 1 Levar até o fim, concluir, terminar

cabo2 (ca.bo)

1. Extremidade de objeto ou de utensílio, ou parte especial destes, ger. longa e que serve para segurá-los, empunhá-los ou manejá-los: cabo da vassoura/do garfo.
 2. Elet. Feixe de fios metálicos us. para conduzir eletricidade, impulsos telefônicos, sinais de televisão etc.: TV a cabo; cabos de alta tensão.
 3. Corda grossa de fibras vegetais, sintéticas ou de fios metálicos, capaz de suportar grandes tensões e pesos: Cabos de aço sustentam o teleférico.
 4. Náut. Qualquer corda us. a bordo, exceto a do sino.
 5. Rabo, cauda
 6. Bras. Pop. Parte final do tubo digestivo; INTESTINO
 7. Bras. Pop. Restr. O ânus
- [F.: do lat. capulu (m).]

Dar cabo a machado

- 1 Pop. Arriscar-se sem necessidade e sem qualquer proveito.
- (Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/cabo>> Acesso em: 09 de Agosto, 2017)

C. Wikcionário:

Substantivo

ca.bo, masculino, singular

1. (Militar□) patente militar abaixo do sargento e acima do soldado protuberância pela qual se segura um utensílio
2. (Geografia□) promontório
3. fim - Ao cabo de 6 dias, tudo estaria pronto.
5. feixe de fios, corda

Expressões

cabo coaxial: certo tipo de cabo elétrico.

cabo eleitoral: alguém que ajuda um candidato durante uma eleição.

cabo submarino: cabo telegráfico colocado no fundo do mar.

dar cabo: matar.

de cabo a rabo: do início até o final.

dobrar o cabo da Boa Esperança: estar envelhecendo.

levar a cabo: concluir.

(Disponível em: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/cabo> > Acesso em 09 de Agosto, 2017)

Com os exemplos acima a diferença entre os dicionários tradicionais na versão digital (Aurélio Buarque de Holanda) e os atuais wikis (Caldas Aulete e Wikcionário) fica mais demarcada. No exemplo retirado do dicionário Aurélio Buarque de Holanda, que é um

dicionário apenas digitalizado, a significação de cabo sinonimiza com fio e corda, além de se referir à parte pela qual seguramos alguns utensílios, porém ainda é facilmente classificado como pouco abrangente, um significado engessado frente aos usos que as pessoas fazem de tal palavra, sem uma exemplificação esclarecedora, que reproduz a sua versão impressa. No exemplo retirado do dicionário Caldas Aulete, além de apresentar os mesmos significados usados no dicionário Aurélio, também sinonimiza com um ofício militar, com matar e, além disso, demonstra muitas expressões idiomáticas onde a palavra “cabo” é utilizada em diferentes registros, do mesmo modo que no exemplo retirado do Wikcionário – embora esse último dicionário seja um pouco mais sucinto do que o Caldas Aulete. As observações acima nos permitem demonstrar que o dicionário Caldas Aulete e o dicionário Wikcionário, não somente elaboram verbetes para itens lexicais já cristalizados na língua, como também para expressões idiomáticas. Nossa análise dos exemplos permite concluirmos que o dicionário wiki se torna importante na medida em que leva em conta as transformações que a língua sofre no cotidiano do seu uso. Demonstramos, então, que nos dicionários wikis, os significados são mais heterogêneos, o que garante uma vantagem a eles.

A partir dos exemplos explicitados tais como aparecem nas suas respectivas plataformas virtuais, podemos concluir que os dicionários elaborados com a participação dos usuários da língua- aqueles wikis – são mais abrangentes e contemplam a língua a partir do uso que os falantes fazem dela, o que os torna mais completos e explicativos. Os significados abordados são um reflexo dos possíveis contextos onde aparecem e, conseqüentemente, os possíveis sinônimos também aparecem como reflexos desses diferentes contextos de utilização das palavras.

Então, podemos concluir afirmando a importância da participação dos falantes para a formulação de um dicionário como um fator propício para um bom entendimento do uso concreto da língua, pois dessa participação surgem exemplificações distintas das disponíveis em dicionários tradicionais, sendo ainda melhores e mais seguros aqueles em que o auxílio dos usuários passa por uma revisão de pessoas com conhecimento linguístico suficiente, como o caso do Caldas Aulete, que é ao mesmo tempo digital e Wiki. A língua está sempre em constante transformação e a internet, com toda a sua velocidade e dinâmica, está a serviço dessas mudanças, transformando o conhecimento em interesse comum; mudanças essas que os dicionários impressos e suas versões digitais, como o caso do Aurélio Buarque de Holanda, apresentado anteriormente no item “A”, não conseguem acompanhar. O que nos faz acreditar que alguns dos atuais dicionários wikis, como o Caldas Aulete Digital, podem servir como instrumento de pesquisa por contemplar o significado da palavra e seus diferentes usos

idiomáticos, diferentemente daqueles utilizados ou sugeridos pelos livros didáticos analisados por nós na parte final desta monografia. E se assim é, por que não utilizar essas ferramentas da internet na sala de aula?!

2.2.1 Dicionário Analógico – Aulete Digital

O dicionário de onde foi retirado o exemplo “B”, Caldas Aulete, considerado por nós como o mais abrangente e contextualizado entre aqueles analisados, possui uma especificidade. Além de o verbete atualizado e o verbete original das palavras pesquisadas, ele também apresenta um dicionário analógico. Quando buscamos uma palavra nesse site, ele nos oferece o seu significado conforme aparece na versão impressa do dicionário, dita versão “original”, e também o seu significado “atualizado” pelos usuários, onde a participação dos colaboradores torna-se essencial, o que o torna um dicionário digital e wiki ao mesmo tempo. Porém o mais interessante é a presença de um dicionário analógico. De acordo com Lapa (1982), o princípio da analogia leva a considerar numa palavra em primeiro lugar o seu contrário; depois, todos os termos que se lhe ligam por associação de ideias. Isso quer dizer que cada palavra possui seus sinônimos que consecutivamente possuem seus sinônimos; é o que Rodrigues Lapa chama de associação de ideias, onde cada elemento de uma série sinonímica pressupõe outras palavras. No site do dicionário, Caldas Aulete Digital, esse fenômeno é interpretado da seguinte maneira:



(Imagem disponível em: < <http://www.aulete.com.br/analogico/cabo> > Acesso em 09 de Agosto)

A palavra pesquisada fica no centro, interligada aos verbetes que possuem essa palavra, formando assim uma rede de informações. Quando o usuário clica em qualquer das palavras ligadas ao termo central, é automaticamente encaminhado para outra página, onde abre-se o verbete correspondente seguido de todos os termos análogos, ou seja, termos que possuem proximidade semântica com a palavra inicial. Dessa maneira, podemos considerar este, o dicionário mais completo dentre os que foram analisados aqui, o que oferece uma boa possibilidade para o professor que almeja atualizar suas práticas trazendo a internet para a sala de aula.

2.3 DICIONÁRIO HOUAISS DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS:

Para complementar nossos estudos sobre versões não tradicionais de dicionários, analisaremos o dicionário Houaiss (2003) de sinônimos e antônimos em duas¹¹ versões disponíveis atualmente: a impressa e a digital. Esse dicionário foge ao padrão não apenas por ser específico de sinônimos e antônimos, mas por abordar o tema a partir de uma perspectiva social de língua.

A língua está em constante transformação por meio do uso que os falantes fazem dela. Uma língua que não se modifica é uma língua morta ou é o retrato de um estado de uma língua em determinado momento. Desse modo, os dicionários tradicionais geralmente não são fontes seguramente atualizadas para pesquisas semânticas por apresentarem justamente esse retrato. Como sabemos, esses dicionários são recursos limitados, que não abrangem a capacidade da língua de ser metamorfoseada constantemente pelos seus usuários, as palavras não são contextualizadas e são apresentadas a partir de suas formas cristalizadas. Com isso, sendo o contexto (histórico-social) imprescindível para falarmos de significado – afinal é no discurso dos falantes que as palavras alcançam sua verdadeira significação – podemos considerar que os dicionários tradicionais elaborados por editores, linguistas e filólogos, não sejam as únicas fontes de informação sobre o funcionamento das palavras dentro de uma língua viva.

De modo geral, precisamos ter certo cuidado com esse tipo de material impresso, pois a cada ano novas acepções são realizadas e o que foi publicado não tem como ser modificado,

¹¹ Utilizamos as duas versões (impressa e digital) para contrastar os conteúdos que veiculam. A comparação permitirá uma visão ampliada desses recursos disponibilizados para trabalharmos com nossos alunos; o que talvez ajude o professor no momento de optar por um ou outro material de apoio.

a não ser que outro dicionário seja lançado. No entanto, o dicionário Houaiss pode ser considerado uma exceção; a seguir veremos porque este é um bom material para consulta.

2.3.1 Publicação Impressa: dicionário Houaiss

Além dos tradicionais dicionários mencionados anteriormente, temos aqueles específicos sobre sinônimos e antônimos da língua portuguesa, também com sua versão digital e impressa; sobre o qual trataremos agora. O dicionário aqui analisado, Houaiss de sinônimos e antônimos (2003), apesar do ano de publicação, se diferencia dos demais dicionários impressos porque apresenta a proposta de trabalhar com a língua da maneira mais contextualizada possível, dentro dos limites de um dicionário impresso, é claro. Na sua introdução os autores trazem um breve histórico sobre as investigações a respeito da sinonímia, desde os primeiros pensamentos de Demócrito, em meados do século IV a. C., até teorias mais atuais. A partir de citações, os autores vão delineando o que entendem por sinonímia e, assim, deixam claro para nós leitores a visão adotada para a elaboração do dicionário. Logo no início da introdução do dicionário é feita a distinção entre *sinônimos absolutos* e *sinônimos não absolutos* ou *parciais*. Os absolutos são ditos “aqueles capazes de se permutarem em qualquer frase, pelo fato de denotarem e conotarem de modo igual a mesma realidade” (HOUAISS, 2003. p. X). Ao trazerem essa primeira conceituação de sinonímia, os autores logo complementam afirmando que esses conjuntos de palavras são escassos no acervo de qualquer língua e para fundamentar essa afirmação trazem a seguinte citação de Cruse (1986, citado por HOUAISS, 2003):

“[...] seria mesmo impraticável provar que dois itens são absolutamente sinônimos, com significados idênticos e identidade em todas as suas relações contextuais, simplesmente por tal exercício significar confrontarem-se tais relações em todos os contextos possíveis – algo teoricamente impossível, por ser infinito o número de contextos.”

Quanto aos sinônimos parciais, os autores consideram aqueles que apresentam sentido muito semelhante ao de outra ou outras palavras, sendo por isso que “podem intercambiar-se com certa liberdade (por exemplo, alcançar, atingir, conseguir) – embora mesmo nesse caso dependendo da sua colocação linguística e do contexto da frase”(HOUAISS, 2003, p.X). Ou seja, os autores reconhecem a dependência do contexto que as palavras têm para serem consideradas sinônimas. Para fundamentar esse pensamento, eles apresentam alguns exemplos, onde os contextos definem os sentidos de uma palavra e assim, seus possíveis

sinônimos. Por exemplo, as palavras *prato* e *comida*, possuem uma relação quando empregados no enunciado “sirvam-nos um(a) *prato/comida* delicioso(a) no jantar”, ou seja, nesse contexto, dentre os inúmeros sentidos que constituem essas palavras, podemos substituí-las como sinônimas, pois denotam uma mesma realidade, referindo-se à refeição; o que em outro contexto não seria possível, como em: “nosso precioso *prato* quebrou-se”, pois aqui estamos tratando do objeto designado pelo termo “prato”, não tendo relação com “comida”. Além desses casos, os autores justificam o pressuposto de que as palavras não possuam sinônimos absolutos pelo fato de, embora denotarem uma mesma coisa, conotam-na de forma diferente de acordo com: o grau de formalidade (adiar: procrastinar), o grau de intensidade (abandonar: repudiar), grau de aceitação social – eufemismos (morte: falecimento). Além de estarem ligados a, por exemplo, diferentes regiões geográficas (torrada: misto quente). Dessa forma:

“Este dicionário registra como sinônimas palavras com variadas características, sendo necessário, por tanto, atentar para que nem todas podem ser indiferentemente empregadas umas pelas outras, ainda que irmãs em grupos numa mesma entrada ou acepção de verbete. Será a competência linguística do usuário o que dirimirá tais questões, com a ajuda das indicações de níveis de uso que o dicionário traz nos seus verbetes e os exemplos de emprego apresentados – embora seja evidente que o seu verdadeiro valor, disfêmico, eufêmico, inofensivo, gíresco, etc. dependerá sempre do contexto em que a palavra ou a locução for empregada e de sua colocação na sentença” (HOUAISS, 2003, p. XI)

Essa passagem da introdução expressa que, embora os sinônimos estejam explícitos nas páginas do dicionário, o que vai definir qual a melhor palavra para substituir o termo que estamos pesquisando, a partir das opções apresentadas pelo dicionário, são três fatores externos, a saber: o contexto onde as palavras devem ser substituídas, onde estão colocadas dentro da sentença e, para adequar essa substituição a partir dos dois fatores citados anteriormente, a competência linguística do usuário. Dessa forma, podemos atribuir ao falante a principal função no processo de atribuição de sentidos e adequações aos inumeráveis contextos de enunciação; sendo a partir de tais contextos que nos apropriamos da língua para nos enunciar a partir de suas variações decorrentes das diferentes formas de atuações dos seus usuários dentro da sociedade em que estão inseridos – o que resulta no fato de não haver sinônimos perfeitos, uma vez que não há sociedade homogênea.

Vejamus um exemplo:

morrer • v. 1 **acabar**: dar, desembocar, finalizar, terminar (a trilha morria em um rochedo) ⇐ começar, iniciar, sair 2 **fig. cessar**: acabar, desvanecer-se, dissipar-se, esgotar-se, esvair-se, findar (*suas ilusões morreram*) ⇐ conservar-se,

intensificar-se, manter-se, permanecer, persistir, surgir **3 de(s)cair:** declinar, degenerar, degradar-se, deteriorar-se (*civilizações que morrem após séculos de prosperidade*) ⇐ progredir, prosperar, restaurar, **4 desaguar:** aboc(anh)ar, desembocar, entrar, lançar-se (*rios que morrem no mar*) **5 desaparecer:** apagar-se, desfazer-se, diminuir, dissipar-se, extinguir-se, sumir (*o barulho do motor morria lentamente*) ⇐ aparecer, aumentar, conservar, intensificar-se, manter, persistir, surgir **6 enguiçar:** parar, quebrar (*o carro morreu*) ⇐ andar, desenguiçar, funcionar **7 esconder-se:** desaparecer, ocultar-se, pôr-se, sumir (*o sol morria mais cedo*) ⇐ aparecer, despontar, nascer, raiar, romper, surgir **8 falecer:** arrefecer, desaparecer, descançar, desencarnar, desviver, expirar, faltar, fenecer, finar-se, ir-se, partir, passar, perecer, sucumbir ⇐ encarnar, durar, nascer, resistir, substituir (sobre)viver **9 infirm. gastar:** desembolsar, despender, pagar (*morreu em 400 reais*) **10 interromper-se:** cessar, estacionar, estagnar, parar (*o grito morreu-lhe na garganta*) **11 murchar** ⇐ medrar, vicejar **12 renunciar:** renegar, (*morreu para o amor*) **13 sofrer:** padecer, penar (*morreu de amor*)
 • s.m. falecimento, morte (ver) (HOUAISS, 2003, p. 457)

Com base na entrada da palavra “morrer” podemos perceber que o dicionário Houaiss registra separadamente os sinônimos de cada acepção¹² da palavra estudada, sendo assim, cada agrupamento de sinônimos ligados a uma acepção da unidade léxica em questão é introduzido por uma palavra-chave em negrito, que categoriza a sinonímia apresentada para aquela acepção. Ao final de cada agrupamento são trazidos exemplos, o que auxilia o leitor no momento de escolher aquela palavra que melhor sinonimiza dentro do contexto em que pretende substituí-las. Para melhor compreendermos o dicionário, vale ressaltar que o símbolo “⇐” indica que o que virá depois são os antônimos ligados a tal acepção estabelecida.

Através do exemplo citado acima, *morrer* é sinônimo de *cessar*, como em: “suas ilusões morreram” (HOUAISS, 2003, p. 457). Porém isso não ocorre em todos os contextos possíveis, sendo impossível intercambiar a palavra cessar onde uma pessoa que esteja triste pronuncie o seguinte enunciado: Estou *morrendo* de amor! Isso nos indica que embora o par seja sinônimo, não há, de forma nenhuma, equivalência total de significado entre as palavras de uma língua, ou seja, não há sinonímia perfeita; concepção claramente adotada pelo dicionário em questão, como já foi mencionado anteriormente.

Sendo assim, podemos considerar esse dicionário embasado em uma visão mais aberta e sociocultural do que sejam os sinônimos. Por isso podemos considerá-lo uma fonte, dentre as que temos disponíveis na forma impressa, mais abrangente para pesquisa.

2.3.2 Versão Digital: dicionário Houaiss

¹² Acepção: lex. Significado de uma palavra ou frase em cada um dos contextos em que ela pode estar inserida. Definição retirada do Dicionário Aulete Digital. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/acep%C3%A7%C3%A3o> > Acesso em: 29 de setembro, 2017.

Como vivemos em um mundo digital, as produções editoriais que não estão expostas a essa tecnologia não são muito reconhecidas. Sendo assim, o dicionário aqui analisado também possui sua versão online. Essa versão, embora não seja de construção conjunta com os usuários da internet, como é feito em outros dicionários, apresenta a proposta de revisão e constante atualização, o que deve ser feito pelos administradores do site. Logo, na página de apresentação do dicionário, somos informados sobre as mudanças incorporadas na transição da versão impressa para a virtual, resultados da atualização do dicionário.

Em relação àquela primeira edição, centenas de milhares de alterações foram introduzidas em todos os elementos componentes do dicionário, das definições às transcrições fonéticas, das datações à bibliografia de suas fontes, da incorporação aos verbos das partículas mais usuais de suas regências à revisão das etimologias e das entradas de elementos mórficos, da inclusão ou modificação de informações nas homônimas e parônimas à revisão do léxico e das descrições específicas de diversas especialidades científicas e técnicas, como a biologia, a ecologia, a física, a astronomia, a informática, a zoologia, a botânica etc., pela considerável dinâmica que seus termos e conceitos, em rápida expansão, apresentam no mundo de hoje.¹³

Essas alterações são decorrentes da política adotada pelo dicionário, a qual incorpora uma visão de língua como um organismo vivo, através do qual os falantes interagem, e também agem sobre a língua, modificando-a constantemente. O que torna o trabalho com esse “corpus” algo infundável. Visão que o dicionário Houaiss deixa clara, estabelecendo como é feito então o trabalho a partir dessa perspectiva:

“Não há, porém, como ser definitivo e muito menos exaustivo no mister da lexicografia. Pretender captar totalmente as nuances de significados das palavras de uma língua viva, organismo que incorpora sem interrupção novos elementos e que reutiliza o material com que conta sempre de maneira diversa, é meta inalcançável. Procuramos trabalhar, pelo menos, com máxima entrega e rigor, utilizando a melhor metodologia a que pudéssemos ter acesso.”¹⁴

Partindo da política de elaboração deste dicionário, apresentada em uma página de introdução do mesmo, podemos considerá-lo uma ferramenta que aborda a língua a partir de uma visão contextualizada e inteiramente ligada ao uso que se faz dela, o que já o torna um dicionário para boas pesquisas. O dicionário Houaiss aponta que o intuito dessa versão digital e atualizada seja:

¹³ Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#0>> acesso em: 16 de setembro, 2017

¹⁴ Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#0>> Acesso em: 18 de Agosto, 2017.

“[...] aprimorar, acrescentar e modernizar este dicionário com máximas persistência e ponderação. Que esta edição seja, com isso, ainda melhor companheira para os seus consulentes do que foi aquela do tempo do seu lançamento.”¹⁵

Sendo assim, podemos concluir que as versões online, por serem mais facilmente editadas e atualizadas, e por buscarem sempre se estabelecer no âmbito da língua em movimento, são materiais que auxiliam melhor os estudantes e os usuários da língua de forma geral. Porém, em contrapartida, podemos ressaltar a indisponibilidade de acesso para “pesquisadores/estudantes” desfavorecidos financeiramente, uma vez que para acessar o material disponibilizado no site Grande Houaiss Digital, faz-se necessária a assinatura de um plano mensal, ou seja, o seu conteúdo é acessível apenas para usuários pagantes/assinantes, impossibilitando a divulgação das suas informações a um público amplo, tornando-o restrito a um grupo determinado de internautas – o que coopera para a elitização do conhecimento e exclusão tanto daqueles que não tem acesso aos meios digitais, quanto aos que não possuem recursos econômicos suficientes. O que é uma pena visando a excelência do material organizado neste dicionário, tanto na versão impressa, quanto na digital.

¹⁵ Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#0>> Acesso em: 16 de setembro, 2017.

3 A SINONÍMIA NO LIVRO DIDÁTICO

Nesta seção analisaremos alguns livros didáticos direcionados para diferentes anos do ensino fundamental e médio, a fim de avaliarmos, com base nos discursos dos autores apresentados na seção anterior, o modo como o conceito de sinonímia é abordado em cada um destes materiais.

Ao iniciarmos essa pesquisa, acreditávamos que encontraríamos a sinonímia em livros didáticos de todos os anos do ensino básico, pois, de acordo com os PCN's, de Língua Portuguesa (1998), a sinonímia deveria variar apenas de níveis de aprofundamento, como podemos observar no próprio documento:

A organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em função do eixo USO → REFLEXÃO → USO pressupõe um tratamento cíclico, pois, de modo geral, os mesmos conteúdos aparecem ao longo de toda a escolaridade, variando apenas o grau de aprofundamento e sistematização. (p. 36)

Porém, fomos surpreendidos pela dificuldade de encontrar livros didáticos que abordassem esse conteúdo. O que nos permite uma pré-avaliação, de forma geral, sobre o déficit do conteúdo nos materiais que circulam pelas comunidades escolares e que embasam os ensinamentos.

Para a realização de nossa análise, utilizaremos os seguintes livros didáticos:

- (1) Português, Linguagens – 2º ano do ens. fundamental; Cereja & Cochar; 2014.
- (2) Letramento e Alfabetização – 3º ano do ens. Fundamental; de Trinconi, Berti & Marchezi; 2016.
- (3) Aquarela do saber – 4º ano do ens. fundamental; Celme Farias Medeiros; 2004.
- (4) Português: Literatura; Gramática; Produção de textos – Vol. Único do ensino médio; de L Sarmiento & Tufano; 2006.
- (5) Práticas do dizer: Um exercício da linguagem – Destinado ao ensino médio; de Rodrigues & Brandão. 1999

3.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: *PORTUGUÊS, LINGUAGENS*, DE WILLIAM CEREJA E THEREZA COCHAR

William Cereja e Thereza Cochar são autores de diversas obras na área de Língua Portuguesa e Literatura, que se estendem a todos os anos do ensino básico (fundamental e médio). Juntos, os autores ganharam em 1999 o prêmio Jabuti¹⁶ de Literatura, na categoria: "Didático de 1º e 2º grau", pela obra "Gramática – Texto, Reflexão e Uso". William Roberto Cereja é graduado em Português e Linguística, licenciado em Português e é mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo, doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso pela PUC – SP e possui experiência como professor da rede particular de ensino, em São Paulo, capital; Thereza Cochar Magalhães é graduada em Português e Francês e licenciada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Araraquara, SP, é mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara - SP e professora da rede pública de ensino de Araraquara.

A obra desses autores utilizada para análise foi o livro didático *Português, Linguagens* (2014), em sua 5ª edição, direcionado ao segundo ano das séries iniciais. Este livro está organizado em quatro unidades (temáticas¹⁷) compostas por três capítulos cada uma. Ao final de cada unidade, encontramos uma oficina de criação, onde os autores propõem um projeto para que os alunos façam uma produção a partir do gênero textual estruturante estudado durante a unidade. Cada capítulo trabalha com sequências didáticas de leitura de textos verbais e não verbais, de produções textuais – centradas em gêneros orais e escritos – e de reflexão sobre a linguagem.

Encontramos no capítulo três da segunda unidade, cujo tema é a amizade, na seção destinada à reflexão sobre a linguagem, o estudo direcionado para "o sentido das palavras" (2014, p. 131), onde os autores irão abordar a sinonímia.

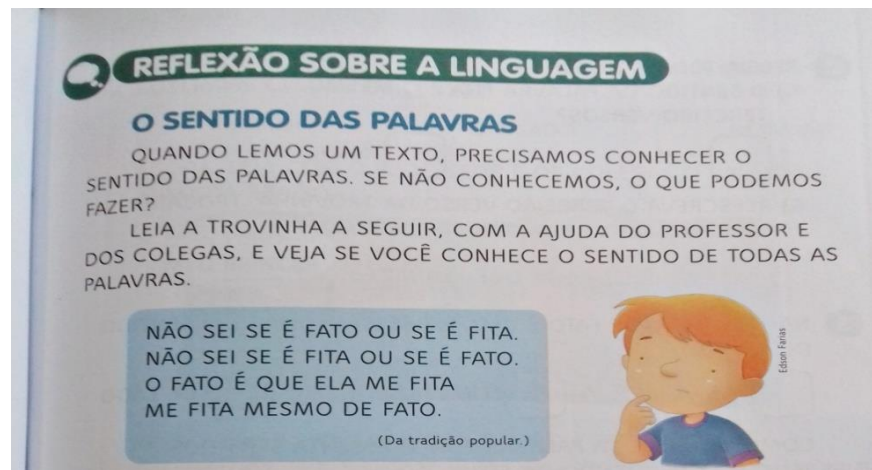
Para iniciar nossa análise chamamos a atenção sobre o fato da palavra *sentido* estar no singular e assim ser escrita durante toda a unidade; mas, em que medida as palavras possuem apenas um sentido? Ao final do livro, por se tratar do exemplar do professor, os autores escrevem algumas orientações didáticas, as quais denominam como Manual do Professor, assim como seus pressupostos teóricos, onde propõem a abordagem dos textos e dos fatos linguísticos a partir de uma perspectiva enunciativa, a qual leva em consideração a situação em que um enunciado é produzido e os diferentes sentidos que podem ser atribuídos em função da variação do contexto de produção. Sendo assim, considerando esse pressuposto teórico, acreditamos que seria mais adequado tratar "do sentido" das palavras, no plural, pois

¹⁶ Prêmio Jabuti: Excelência em produção literária nacional. É o prêmio literário mais importante do Brasil.

¹⁷ Todos os textos abordados nos capítulos seguem a temática proposta na unidade.

esses são muitos quando levamos em consideração os fatores (sociais e culturais) externos à língua.

Cereja e Cochar iniciam a sua abordagem com uma justificativa: dizem que precisamos saber o sentido das palavras para conseguirmos ler um texto. Em seguida, apresentam uma trova e pedem para o aluno ler observando se conhece o sentido de todas as palavras que surgirem. Vejamos:



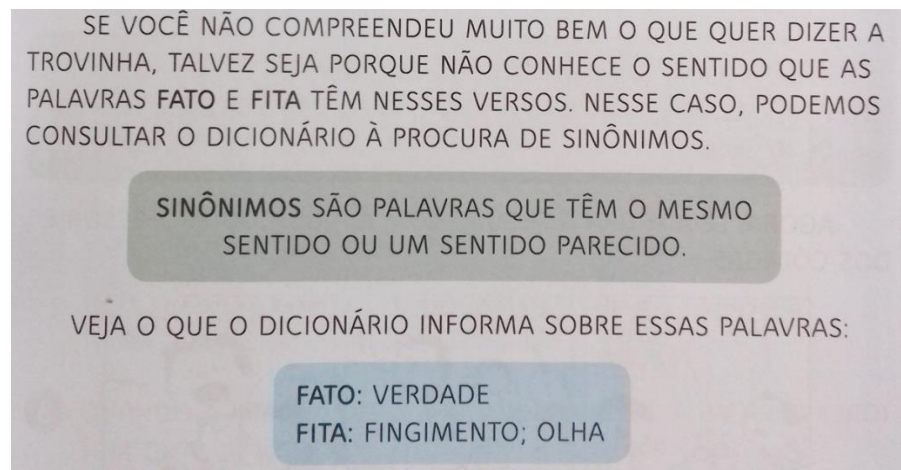
(2014, p. 131)

A partir desta trova popular, os autores afirmam que, se a criança não compreendeu o texto é porque não conhece o sentido que as palavras *fato* e *fita* têm nos versos citados. Então, a sugestão do livro é que os alunos busquem por sinônimos no dicionário. No entanto, a partir da proposta de pesquisa em dicionários, podemos afirmar que os autores tratam indistintamente sentido e significado, uma vez que o dicionário traz o significado puro da palavra, tratando-a no âmbito da língua. Diferentemente do sentido, que é adquirido a partir de um determinado texto. Assim, requer um cuidado maior por parte do professor ao tratar da sinonímia baseado neste material.

Em seguida, Cereja e Cochar introduzem o conceito de sinônimo que abordam neste livro didático: “*Sinônimos são palavras que têm o mesmo sentido ou um sentido parecido*” (p.131). O que pressupõe que num determinado texto duas palavras diferentes possam ser usadas para expressar, de modo geral, a mesma ideia. No entanto, os autores afirmam que quando não sabemos o sentido de uma palavra devemos buscar por sinônimos no dicionário, sendo que o dicionário trabalha com os significados e, como vimos ao longo dessa monografia, é impossível haver sinônimos com o significado igual. Dessa maneira, Cereja e Cochar provocam uma confusão ao tratarem de sentido e significado indistintamente. Porém,

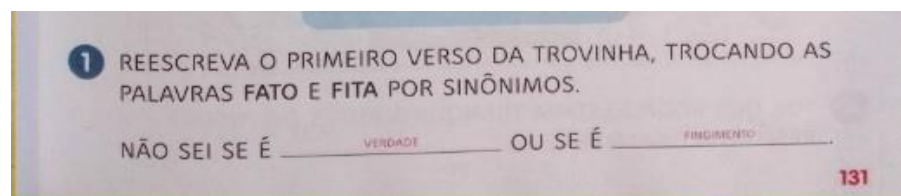
mesmo no âmbito do texto e seus sentidos, as palavras jamais possuirão uma equivalência completa.

Logo após a conceituação da sinonímia, os autores introduzem um quadro com a definição das palavras *fato* e *fita*, retiradas do dicionário¹⁸, confirmando a pesquisa em dicionários, o método defendido pelos autores para se aprender o sentido das palavras e buscar por seus sinônimos. Não que a utilização do dicionário não seja interessante, o que queremos ressaltar é que os autores utilizam esse material como o centro das informações, enquanto acreditamos que ele seja apenas uma etapa da reflexão sobre os significados das palavras.



(2014, p. 131)

A definição é apresentada para servir como base ao aluno no momento em que for realizar as tarefas de fixação, introduzidas na sequência. Essas tarefas são compostas por perguntas simples, como podemos observar:



¹⁸ Os autores não colocam a referência, o que não nos permite saber de onde a definição foi retirada.

2 RELEIA TODA A TROVINHA.
 A) O SENTIDO DA PALAVRA FITA É O MESMO NO PRIMEIRO E NO TERCEIRO VERSOS?
 SIM NÃO

B) REESCREVA O TERCEIRO VERSO DA TROVINHA, TROCANDO AS PALAVRAS FATO E FITA POR SINÔNIMOS.
 _____ É QUE ELA ME _____

3 NA TROVINHA, DE FATO É UMA EXPRESSÃO. QUAL É O SENTIDO DELA?
 ÀS VEZES DE VERDADE DE LADO

COMO VOCÊ VIU, A PALAVRA FITA APRESENTA SENTIDOS DIFERENTES, DEPENDENDO DA SITUAÇÃO.

PARA SABERMOS O SENTIDO DE UMA PALAVRA EM UM TEXTO, DEVEMOS SEMPRE OBSERVAR A SITUAÇÃO EM QUE ELA É EMPREGADA E, SE NECESSÁRIO, PROCURAR SINÔNIMOS DELA NO DICIONÁRIO.

(2014, p. 131-132)

No entanto, este livro didático, mesmo que superficialmente, tenta abordar o contexto como um fator que determina os sentidos das palavras e, para isso, os autores acrescentam a seguinte passagem: “Para sabermos o sentido de uma palavra em um texto, devemos sempre observar a situação em que ela é empregada e, se necessário, procurar sinônimos dela no dicionário.” (2014, p.132). A proposta de observar as palavras dentro do contexto é interessante, pois pressupõe que esse é determinante quando queremos substituir uma palavra por seu sinônimo, mas novamente apresenta o dicionário como material para consulta e, com isso, o olhar do aluno é direcionado para as questões da língua, isto é, dos significados e não dos sentidos – como pretendiam os autores. E ainda, as atividades não são elaboradas para promover uma reflexão sobre o funcionamento da sinonímia, nem ao menos dão autonomia ao aluno para que, a partir do contexto, possa interpretar e levantar hipóteses quanto aos possíveis sinônimos nas circunstâncias do texto apresentado, o que acreditamos estar ao alcance de alunos do segundo ano das séries iniciais. Em todas as atividades, o livro traz inclusive o verbete simplificado do dicionário, ou seja, aborda apenas os sinônimos que serão necessários para que o aluno responda a questão, direcionando e simplificando as relações de significado existentes entre as palavras.

De acordo com o que Rodrigues Lapa descreve em seu livro “Estilística da Língua Portuguesa” (1982), “as palavras adquirem no contexto as significações mais diversas” e, por isso, “[...] a consulta dos dicionários correntes não sirva para o estudo dos sinônimos” (p.25), teoria reforçada por Frank Palmer em “A estrutura lexical” (1986), onde afirma que os

dicionários não bastam para se saber tudo sobre uma palavra. Esse tipo de material pode servir de **apoio** para os professores, mas não dão conta das questões de sentidos. No entanto, o livro didático dos autores Cereja e Cochar, *Português, Linguagens* (2014), apresenta o dicionário como a única fonte de consulta, ocasionando um equívoco entre a proposta dos autores e o modo como realmente abordam a sinonímia. Afinal, a proposta do livro é tratar dos sentidos considerando os contextos de enunciação, mas, ao restringir a busca no dicionário, acaba tratando do significado e não do sentido. A superficialidade da abordagem prevê a construção de um aluno engessado, sem autonomia para usufruir dos recursos semânticos disponíveis na sua língua materna. E, de certa maneira, a indistinção entre significado e sentido e as atividades desvinculadas de estímulos à reflexões independentes, que considerem o conhecimento linguístico que todo falante nativo dispõe; justificam o título dado à seção: “o sentido das palavras”, no singular; afinal os sentidos, no plural, não são trabalhados pelos autores. Sendo assim, o pressuposto teórico e metodológico cujos autores afirmam fundamentar o conteúdo deste livro didático: a Teoria da Enunciação, não aparece refletida no que diz respeito à abordagem dos sinônimos.

3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: *LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO*, DE ANA TRINCONI, TEREZINHA BERTIN E VERA MARCHEZI

A segunda obra analisada foi escrita por três autoras, sendo elas professoras universitárias e também de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio. Ana Maria Trinconi Borgatto é licenciada e Mestre em Letras, Pós-graduada em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e graduada em Pedagogia, pela Universidade de São Paulo (USP); Terezinha Costa Hashimoto Bertin é licenciada em Letras e Mestre em Ciências da Comunicação, também pela USP e Pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; Vera Lúcia de Carvalho Marchezi é licenciada em Letras pela Unesp de Araraquara-SP, Mestre em Letras e Pós-graduada em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP.

O livro didático analisado, “Letramento e Alfabetização” (2016), destina-se a alunos do terceiro ano das séries iniciais. Vamos conhecer um pouco da sua estruturação e organização através do que apresentam as autoras:

Um livro é como uma casa: é feito de diferentes partes que formam o todo. Este seu livro também é assim.

A seguir, você vai conhecer algumas dessas partes. E o que é melhor: todas elas estão bem marcadas no livro, para você se localizar e não se perder.

Seu livro é dividido em unidades. Em cada uma delas você vai conhecer um gênero de texto diferente. (2016, p. 4)

Podemos notar, através da apresentação feita, que o livro está dividido por unidades e cada unidade dedica-se a um gênero textual diferente. Quanto à subdivisão das unidades, elas seguem a seguinte organização de estudo: leitura; interpretação do texto; produção de texto; práticas de oralidade; língua: usos e reflexão; ampliação de leitura; ortografia; hora da diversão e; autoavaliação. Sendo assim, analisaremos a unidade seis, destinada ao estudo do poema, onde, na seção destinada aos “usos e reflexões” sobre a língua, as autoras trabalham com os sinônimos e os antônimos.

Para introduzir o conteúdo, Ana, Terezinha e Vera abordam três atividades antes de conceituar a sinonímia; em cada atividade são trabalhados versos a partir dos quais se destacam algumas palavras para promover a reflexão sobre os seus significados, conforme podemos observar através das tarefas transcritas abaixo:

Sinônimos e antônimos

1 Releia os versos:
 Eu sou tão bonito!
 Minha mãe garante.
 Meu peito **se estufa**.
 Pareço um gigante!

Leia os significados de **estufar** encontrados no dicionário:
es.tu.far 1. Tornar (-se) cheio, volumoso; inchar (-se); 2. Ficar orgulhoso, arrogante.
 Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. *Minidicionário da língua portuguesa*.
 Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. Adaptado.

É possível substituir a palavra **estufa** do verso por alguns dos significados que estão no verbete do dicionário? Reescreva o verso substituindo a palavra pelo significado que você achar mais adequado.

2 Releia a estrofe:
 A chuva, tão forte,
 O raio, o trovão,
 O vento uivando:
 Me sinto um anão.

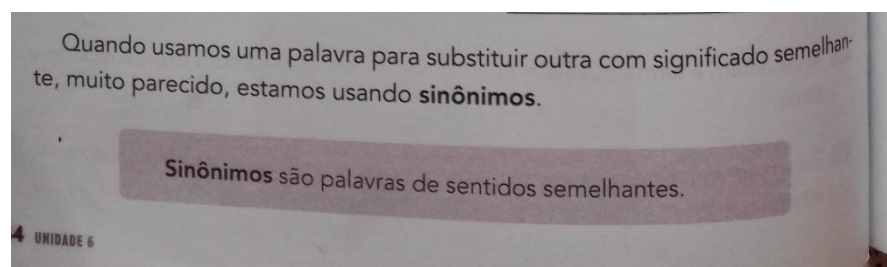
Que palavra poderia substituir a ideia dessa chuva tão forte? _____

3 Que palavras poderiam substituir aquelas que estão destacadas nos versos a seguir?

Minha grande amiga	Acordei, o céu
Me chamou de cható .	Estava brilhante .

Nas três tarefas de reflexão os alunos são levados a analisar as palavras em negrito nos versos para substituí-las por algum sinônimo, sendo que na primeira podemos notar o uso do dicionário, assim como no livro anterior. No entanto, no livro de Trinconi, Bertin e Marchezi a função do dicionário é secundária, ou seja, ao contrário do que observamos no livro *Português, Linguagens* de Cereja e Cochar, analisado anteriormente, aqui o dicionário não é considerado como o centro para pesquisa de sinônimos. Como podemos notar, as autoras utilizam o dicionário apenas na primeira atividade; para as demais, a substituição das palavras por seus sinônimos fica a critério do conhecimento prévio do aluno, as autoras sequer sugerem a pesquisa no dicionário, o que promove a reflexão do aluno para buscar, a partir do contexto do verso, uma palavra sinônima. Com isso, podemos considerar que essas atividades permitem ao aluno desenvolver um pouco mais de autonomia comparadas às questões do livro anterior, pois, como falante nativo, seu conhecimento internalizado da língua está sendo solicitado. Mesmo na tarefa em que as autoras abordam o verbete do dicionário para trabalhar a sinonímia do termo destacado nos versos, elas permitem que o aluno substitua a palavra pelo significado que considerar mais adequado, dentre aqueles disponíveis no verbete, lhe dando a liberdade de escolher o que, na sua opinião, melhor se enquadra no contexto do verso.

Ao final das atividades de reflexão o livro didático aborda uma breve explicação e, em seguida, acrescenta um quadro com o conceito resumido do que seriam os sinônimos. De acordo com as autoras, sinônimos são:



(2016, p. 144)

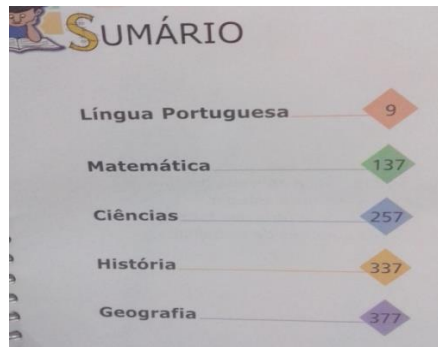
Podemos observar que o conceito de sinonímia elaborado pelas autoras é o mesmo abordado no livro *Português, Linguagens*, onde consideram sinônimas as palavras com sentidos semelhantes, muito parecidos. Porém, o que os diferencia é a maneira como os autores irão trabalhar com a relação entre os sentidos e os significados das palavras. Trinconi, Bertin e Marchezi não utilizam as palavras *significado* e *sentido* de forma aleatória, como

fazem Cereja e Cochar. No primeiro livro analisado, o *Português, Linguagens, Cereja e Cochar* se propuseram a trabalhar os sentidos das palavras, o que pressupõe o contexto onde essas estão empregadas, mas abordaram o tempo todo a palavra e seu significado dicionarizado - a palavra no âmbito da língua. No segundo livro, “Letramento e Alfabetização” (2016), ao contrário do que é feito por Cereja e Cochar, as autoras utilizam os termos adequadamente, como podemos notar na atividade um, através da pergunta elaborada: “é possível substituir a palavra **estufa** do verso por alguns dos significados que estão no verbete do dicionário?” (2016, p. 144) onde as autoras falam em significado quando se remetem ao dicionário; além disso, após as atividades, as autoras descrevem o que seria a sinonímia e em seguida introduzem seu conceito resumido, conforme ilustrados na citação acima, onde aparecem os dois termos, *sentido* e *significado*; na primeira parte do texto elas se referem às palavras fora de contexto (aquelas do dicionário) e então se referem aos seus significados: “Quando usamos uma palavra para substituir outra com significado semelhante, muito parecido, estamos usando sinônimos” (2016, p. 144); em seguida, no quadro com o conceito, consideram as palavras a partir do texto e se referem aos seus sentidos: “Sinônimos são palavras de sentidos semelhantes” (2016, p. 144). Tratando assim, mesmo que implicitamente, os significados que os dicionários abordam e os sentidos que a palavra adquire no poema.

Um outro ponto importante a respeito da abordagem feita pelas autoras, é o fato de elas não considerarem a sinonímia como identidade de significação, notamos que antes de apresentarem o conceito elas dizem que “quando usamos uma palavra para substituir outra com *significado semelhante*, muito parecido, estamos usando sinônimos” (grifo nosso) (2016, p. 144), estando, então, de acordo com o que defendemos ao longo desse trabalho, afinal, como nos disse Palmer: “[...] não há sinônimos integrais, que duas palavras nunca têm exatamente o mesmo significado.” (1986, p. 74). Sendo assim, levando em consideração o nível escolar dos alunos a que o livro é direcionado, o terceiro ano, podemos considerá-lo, no que diz respeito à abordagem dos sinônimos, portador de uma boa introdução da noção de sinonímia – o que deveria ser aprofundado nos anos seguintes conforme a proposta dos PCN’s (1998), pois sabemos que a sinonímia vai além desse contexto imediato a que elas se referem no livro.

3.3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: *AQUARELA DO SABER*, DE CELME FARIAS MEDEIROS

Celme Farias Medeiros é autora de vários livros didáticos destinados às séries iniciais do ensino fundamental. O livro que analisaremos foi elaborado para as quartas séries e pertence à coleção “Aquarela do Saber”. Este é um livro integrado, ele aborda as cinco matérias desenvolvidas ao longo das séries iniciais, sendo um capítulo para cada um dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia.



SUMÁRIO	
Língua Portuguesa	9
Matemática	137
Ciências	257
História	337
Geografia	377

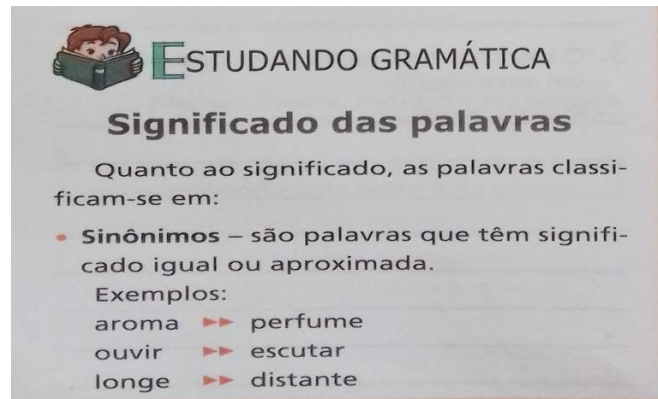
(2004, p. 5)

Medeiros é licenciada em Pedagogia e especializada em Pedagogia aplicada à Música, à Harmonia e à Morfologia¹⁹; foi professora do ensino fundamental das redes particular e pública de ensino, em Alagoas, por trinta e um anos e, em seguida tornou-se professora de curso de formação de professores para o ensino fundamental.

O livro “Aquarela do Saber” (2004) – 4º série – inicia com o capítulo destinado para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, este é dividido em vinte e seis unidades; cada unidade segue a seguinte organização: primeiramente abordam um texto, seguido por tarefas de compreensão/interpretação; após, a autora propõe uma tarefa de interação com os colegas; seguida pelo estudo da gramática, a prática do conteúdo gramatical; e por fim uma tarefa de escrita. Na unidade dezesseis, especificamente na parte para estudar a gramática, a autora aborda a questão do “significado das palavras” (2004, p. 78), onde vão aparecer conceitos sobre sinônimos, antônimos, palavras homônimas, homófonas, homógrafas e parônimas. Todos esses conceitos semânticos são trabalhados em uma página e meia, conforme aparecem no anexo A.

Direcionando a análise para os sinônimos, temos a seguinte definição e os seguintes exemplos:

¹⁹ O livro não indica a universidade onde Celme cursou sua graduação e especialização.



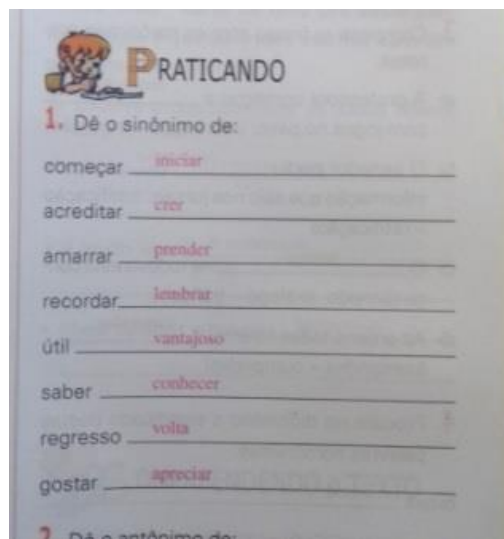
(2004, p.78)

Notamos, a partir do conceito abordado pela autora, que ela apresenta os sinônimos como palavras com significado igual ou aproximado. No entanto, como pudemos observar durante o primeiro capítulo deste trabalho, a perspectiva que considera que duas ou mais palavras sinônimas possuam o mesmo significado, foi contestada pelos autores que analisamos e utilizamos para fundamentar nossa pesquisa. Com base em Rodrigues Lapa (1982) e Frank Palmer (1986), que comprovaram o porquê duas (ou mais) palavras não podem ter o mesmo significado, podemos considerar o conceito abordado por Celme Farias Medeiros, desvinculado de qualquer estudo que leve em consideração a palavra a partir dos usos que os falantes fazem dela, ou seja, descontextualizado. Sendo assim, o conceito da autora se contradiz a partir dos próprios exemplos citados por ela.

Nos pares de palavras utilizados por Celme como exemplos do conceito apresentado, não há nenhum que possa justificar a abordagem dos sinônimos como palavras com significado igual. Analisemos os exemplos para entendermos o equívoco cometido pela autora: o primeiro par de sinônimos é constituído pelas palavras *aroma* e *perfume*, essas palavras possuem diferenças relativas ao meio social em que são mais empregadas; a palavra *aroma*, por exemplo, nos remete a um vocabulário mais requintado, comumente utilizada por pessoas pertencentes a uma classe social elevada, enquanto *perfume* é uma palavra mais popular, que ouvimos com frequência entre diferentes classes sociais. Sendo assim, conforme já havíamos visto na teoria de Rodrigues Lapa (1982, p. 24) “as palavras evocam os meios sociais em que são geralmente empregadas” e por retratarem contextos diferentes não podemos considerá-las iguais. Quanto a *ouvir* e *escutar* não podemos considerá-los sinônimos, pois se referem a ações diferentes, enquanto ouvir é um processo involuntário, o qual as pessoas que não apresentam surdez captam os sons através da audição, escutar é intencional e requer que utilizemos a atenção; desta forma, escutar pressupõe ouvir, mas ouvir

não pressupõe escutar, como podemos observar no seguinte exemplo retirado do dicionário Caldas Aulete Digital: “Ele ouvia o discurso distraído, mas eu o escutava com interesse”²⁰. Da mesma forma que aroma e perfume, *longe* e *distante* variam de acordo com o contexto, na frase: “É muito talentosa e inteligente, com certeza irá longe”²¹, tomada do dicionário Caldas Aulete Digital, o termo expressa uma progressão temporal, um futuro ao invés da distância física, não sendo possível substituí-lo por *distante*, igualmente, na frase: “Meu conceito de liberdade é muito distante do seu”²², retirada do mesmo dicionário que as anteriores, o termo distante está expressando algo que é diferente, expressando idéias controversas a respeito de liberdade, sendo inviável substituí-lo por *longe*. Por outro lado, de acordo com Celme Farias, estes três pares de palavras seriam exemplos para ilustrar o conceito abordado no seu livro didático, o qual considera sinônimas as palavras com o mesmo significado ou significado parecido. Porém, como acabamos de observar, não há como sustentar tal conceito a partir do momento em que analisamos as palavras inseridas em seus contextos, “onde alcançam a verdadeira significação” (LAPA, 1982, p. 26).

Após a seção para o “Estudo da Gramática” (2004, p.78), onde Celme conceituou os sinônimos, nos deparamos com a seção “Praticando” (2004. P.79), onde a autora introduz atividades para memorização do conteúdo apresentado na seção anterior. Referente à sinonímia, encontramos apenas uma atividade proposta neste livro didático, sendo ela a seguinte:



(2004, p. 79)

²⁰ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/escutar> > acesso em: 01 de Dezembro de 2017.

²¹ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/longe> > acesso em: 13 de Novembro de 2017.

²² Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/distante> > acesso em: 13 de Novembro de 2017.

Como reflexo de um conceito mal fundamentado, a atividade transcrita aqui trabalha com a palavra de forma isolada, onde o aluno é levado a escrever seu sinônimo sem nenhum parâmetro contextual.

Sendo assim, podemos concluir que este livro didático introduz um conceito equivocado sobre a sinonímia, o que é resultado de uma visão a qual considera a língua apenas enquanto um sistema estruturado e demasiadamente estável. Visão esta que desconsidera que “acima de tudo [esse sistema] se define como trabalho interacional situado, atualizado na prática, historicamente construído e dinâmico” (Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, 2009, p. 54). Nesse viés, trabalhar a língua apenas enquanto um sistema demasiadamente estável tem como consequência abordagens descontextualizadas e superficiais das questões de significação das palavras, conforme notamos durante a análise do livro “Aquarela do Saber” (2004), afinal, a palavra só alcança seus sentidos quando inserida no discurso. Então, desconsiderando o funcionamento da língua, Celme Farias não provoca no aluno nenhum tipo de reflexão acerca das relações que certas palavras possuem em determinados contextos. O que resulta na constituição de um aluno acrítico, incapaz de refletir sobre a sua própria língua e as maneiras como faz uso da mesma.

3.4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: *PORTUGUÊS: LITERATURA; GRAMÁTICA; PRODUÇÃO DE TEXTO*, DE LEILA SARMENTO E DOUGLAS TUFANO

Leila Lauar Sarmento é autora de diversos livros didáticos destinados ao ensino fundamental e médio, como “*Gramática em Textos*” (2005) e “*Oficina de Redação*” (2016). Douglas Tufano também possui suas obras publicadas, sendo a literatura o assunto de grande parte delas, mas também escreveu livros voltados para o ensino de língua materna, como “*Gramática Fundamental*” (2016) e “*Michaelis – Português Fácil*” (2010), além disso, também é cronista. Sarmento é licenciada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tufano é licenciado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo.

O livro analisado “Português: Literatura, Gramática e Produção de textos” (2006) foi desenvolvido para alunos do ensino médio e é didaticamente dividido em três grandes blocos: o primeiro aborda a literatura; o segundo aborda reflexões gramaticais e; o terceiro é destinado à produção de texto. Estas três divisões são apresentadas pelos autores da seguinte maneira:

No estudo da **literatura**, enfatizamos a relação entre o contexto histórico e cultural e os movimentos literários. [...]

A **gramática** é estudada a partir de textos verbais e não-verbais, o que favorece a interpretação de bons textos e a compreensão dos conteúdos gramaticais. [...]

Na **produção textual**, destaca-se o estudo dos gêneros do cotidiano e dos gêneros relacionados à oralidade [...] esse trabalho oferece recursos necessários para que você produza textos adequados aos destinatários e aos objetivos de produção. (grifos dos autores) (SARMENTO&TUFANO, 2004, p. 03)

Analisando o sumário deste livro didático, não encontramos diretamente uma abordagem sobre um conceito de sinonímia, porém, na parte do livro destinada à produção textual, encontramos o capítulo quarenta e um, intitulado “Níveis de formalidade e variantes linguísticas” (2004, p. 09) e o capítulo quarenta e quatro, intitulado “Relação entre sentido e contexto” (2004, p. 09), onde os autores irão abordar alguns conceitos importantes para que o aluno possa produzir textos a diferentes destinatários utilizando a linguagem adequada, conforme é o objetivo desta parte do livro, mencionado na apresentação feita por Sarmiento e Tufano citada no corpo deste trabalho. Dessa forma, esse capítulo nos interessa na medida em que, conforme acredita Rodrigues Lapa (1982), para escrevermos bem precisamos, dentre todas as palavras ligadas por uma noção comum – palavras sinônimas, escolher aquelas palavras que melhor “se ajustam àquilo que queremos exprimir” (p.21), ou seja, precisamos saber escolher entre os sinônimos, aquele que melhor se enquadra ao contexto onde pretendemos nos manifestar. Sendo assim, referente aos diferentes significados que uma palavra pode adquirir a partir do contexto onde é empregada, observamos que Tufano e Sarmiento abordam alguns fatores que favorecem a produtividade sinonímica de uma língua. No capítulo quarenta e um (41), analisaremos a abordagem que os autores fazem sobre os níveis de linguagem (formal e informal), os estrangeirismo e os regionalismos. No capítulo quarenta e quatro (44) analisaremos a abordagem referente aos eufemismos.

O autor Frank Palmer (1986), em “A estrutura Lexical”, trabalha com os significados das palavras levando em consideração a constante transformação das línguas, tendo então como objeto de estudo a língua em funcionamento/uso. A partir desta perspectiva o autor aborda alguns recursos que tornam as línguas ricas em sinônimos, ou seja, que contribuem para a sua produtividade sinonímica. Dentre os recursos que aumentam esta produtividade de uma língua, analisados por Palmer e também mencionados no livro didático de Leila Sarmiento e Douglas Tufano, estão os diferentes níveis de linguagem, abordado por Palmer como os “diferentes estilos ou registros” (1986, p. 75), os estrangeirismos, os regionalismos, trabalhados por Palmer a partir dos diferentes dialetos, e os eufemismos.

Como analisamos no primeiro capítulo desta monografia, os estudos de Palmer (1986) sobre a produtividade sinonímica de uma língua, vão muito além do que foi mencionado agora, porém utilizaremos apenas estes conceitos do autor como parâmetros pra refletirmos sobre a forma que os mesmos são abordados no livro didático “Português: Literatura, Gramática e Produção de textos” (2004).

O capítulo quarenta e um do livro didático aborda, como já mencionamos anteriormente, três conteúdos que iremos analisar, sendo esses, os níveis de formalidade, os estrangeirismos e os regionalismos. Organizados nesta ordem, conforme ilustramos abaixo:

Capítulo 41	
Níveis de formalidade e variantes lingüísticas	
Linguagem formal e linguagem informal	336
Estrangeirismos	338
Neologismos	339
Gírias	339
Regionalismos	340

(2004, p. 09)

De forma geral, Sarmiento e Tufano iniciam o capítulo afirmando que a linguagem, oral ou escrita, pode ser mais ou menos formal, dependendo da situação com a qual o locutor se defrontar. De acordo com os mesmos, utilizamos a linguagem formal quando não possuímos intimidade com o nosso interlocutor, neste caso fazemos uma seleção mais cuidadosa das palavras às quais vamos pronunciar ou escrever, seguindo a norma culta; a formalidade, segundo os autores, é utilizada em “correspondências entre empresas, artigos de alguns jornais e revistas, textos científicos, livros didáticos.” (2004, p.336). Quanto à linguagem informal, ao contrário, utilizamos quando temos alguma intimidade com o nosso interlocutor, sendo utilizada, por exemplo, “na correspondência entre amigos e familiares” (2004, p. 336); os autores ainda apresentam essa linguagem como mais solta, com construções mais simples, o que permite a introdução de gírias, diminutivos, abreviações e inclusive construções sintáticas não previstas pela norma culta. Após a breve explicação a fim de diferenciar a linguagem formal da informal, Sarmiento e Tufano abordam dois textos, um informal, escrito por Esmeralda Ortiz e intitulado “Por que não dancei” (2000), e o outro

formal, escrito por Machado de Assis e intitulado “O enfermeiro” (2002). São dois textos curtos, conforme ilustramos abaixo:

Texto 1

Por que não dancei

“(…)

Os meninos estão se divertindo no chafariz da Praça da Sé. Dos oito aos quinze anos, eu também pulava nessas águas, e o chafariz era a minha felicidade. Mas o tempo passou. Hoje estou com 21 anos e não tomo mais banho na praça. (…)

Nesse tempo, dos banhos gelados da Sé aos banhos do meu chuveiro quente, quase dancei, quase morri. Fui até o fundo. Roubei, fumei crack, trafiquei, fui presa, apanhei pra caramba. Diziam que não tinha jeito, estava perdida. Eu mesma achava que não tinha jeito. Quase todos os meus amigos daquela época do chafariz estão mortos, presos, loucos ou doentes. Gente que andava comigo, fumava comigo ou roubava comigo. Por que não morri? Por que não pirei?

(…)”

ORTIZ, Esmeralda. *Por que não dancei*. São Paulo: Senac/Ática, 2000.

Texto 2

O enfermeiro

“Chegando à Vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dous deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confiou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, segui para a residência do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dous olhos de gato que observava; depois, uma espécie de riso maligno alumiu-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dous eram até gatunos!”

ASSIS, Machado de. *Contos consagrados*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

(SARMENTO&TUFANO, 2004, p. 336)

O texto um é um depoimento escrito por uma jovem que vivia nas ruas de São Paulo, ela narra alguns acontecimentos da sua vida e explica que não sabe como não morreu, depois de tudo o que fez. O texto dois é um fragmento de um conto do autor Machado de Assis, esse conto narra a história de Procópio, um copista que em determinado momento recebe um convite para servir de enfermeiro ao Coronel Felisberto; o fragmento apresentado no livro didático, narra especificamente a chegada de Procópio até a casa do coronel onde irá trabalhar.

Logo após a apresentação dos textos, Sarmiento e Tufano abordam as atividades de reflexão. Vejamos as tarefas elaboradas pelos autores:

Agora responda em seu caderno.

1. O texto 1 é autobiográfico, um depoimento escrito no século XX por uma jovem que vivia nas ruas de São Paulo. Explique a relação do título do texto com a vida dessa narradora-personagem.
2. Identifique alguns termos da linguagem informal utilizados pela narradora do texto 1.
3. No texto 2, escrito por Machado de Assis no século XIX, a linguagem empregada é a formal. Justifique essa afirmação com trechos desse texto de ficção.
(2004, p. 336-337)

Com base nas questões propostas no livro didático, podemos observar que o aluno é levado a refletir, na primeira questão, sobre o significado de *dancei*, escrito no título do texto um, a partir do que a narradora-personagem conta ao seu leitor, o intuito é que o aluno consiga identificar que o *dancei* é uma expressão metafórica utilizada por certas camadas sociais de modo informal para expressar, neste caso, a ideia de *morte*. Quanto as outras duas questões, a dois e a três, o aluno é levado apenas a procurar as marcas de formalidade e de informalidade presentes nos textos. A abordagem feita por Sarmiento e Tufano, apresenta ao aluno a formalidade e a informalidade como questões estagnadas onde, ou escolhemos uma ou escolhemos outra para nos enunciar. No entanto, conforme propõe o semanticista Frank Palmer (1986, p.75), “podemos mudar de estilo [registro] durante a mesma conversa” e ao mudarmos a forma de registro, ou seja, passarmos da linguagem informal para a linguagem formal, ou optarmos por uma em detrimento da outra, provocamos alguns efeitos que envolvemos a questão dos sentidos. Isto quer dizer que, como a linguagem se estratifica de acordo com as classes sociais, a mudança de registro pode tornar os sentidos mais transparentes ou mais opacos para o nosso interlocutor, demonstrando o quanto a língua pode ser hermética. De acordo com Palmer (1986), a complexidade da relação sinonímica se estabelece nessa possibilidade de livre variação, ou seja, nós temos várias palavras para expressarmos a mesma ideia mudando o registro, o que pode ser feito na mesma conversa a fim de, por exemplo, dificultar o entendimento do interlocutor. Sendo assim, podemos dizer que Sarmiento e Tufano tratam os níveis de linguagem sem levar em consideração a relação que se estabelece entre as palavras de diferentes registros e os efeitos que suas utilizações podem provocar.

Para falarmos sobre a abordagem dos estrangeirismos no livro didático, vamos relembrar a perspectiva de Frank Palmer (1986). Para Palmer, a primeira forma de se pensar como se produzem os sinônimos em uma língua é analisando a relação entre as palavras nativas e os empréstimos linguísticos. Palmer vai diferenciar estrangeirismo de empréstimo,

sendo o primeiro a fase de entrada de uma palavra em outra língua, quando ela mantém sua estrutura morfosintática e o seu significado; e o segundo se refere ao momento em que a palavra sofre alterações na forma ou no significado para se encaixar ao padrão da língua em que está sendo inserida. Sendo assim, na perspectiva de Palmer, esses empréstimos entram na língua e, logo, buscam um termo nativo para sinonimizar; dessa forma a relação estabelecida entre palavras nativas e empréstimos linguísticos constituem o conjunto de possibilidades de se produzir sinonímia no interior de uma língua. No livro didático, Sarmiento e Tufano, não fazem distinção entre estrangeirismos e empréstimos, mas dizem que os estrangeirismos podem, com o tempo, “serem incorporados ao cotidiano do falante e ao vocabulário da língua” (2004, p. 338), utilizando os termos *lanche* e *futebol* para exemplificar; essas são palavras assimiladas do Inglês, *lunch* e *football*, que quando entram no Português sofrem alterações nas suas estruturas mórficas, sendo adaptadas ao padrão da nova língua, após buscam por palavras as quais irão sinonimizar, no caso de futebol, o significado não é alterado e ela sinonimiza com *pelada*, ou *jogar bola*. No caso de *lunch*, além da mudança na forma escrita, a palavra entra na língua com o significado distinto daquele da língua fonte, pois no Inglês se refere a almoço, mas em Português sinonimiza com *refeição rápida*, *merenda*. Na perspectiva de Palmer, essa relação que se estabelece entre as palavras emprestadas e as nativas colabora para a produtividade sinonímica das línguas, porém o livro didático não faz menção a tais relações. Direcionados especificamente aos estrangeirismos, Sarmiento e Tufano, se contradizem; para explicá-los os autores afirmam que “algumas palavras são empregadas até hoje sem modificar a forma original ou a pronúncia, mesmo existindo o termo aportuguesado.” (2004, p. 338) e para exemplificar essa ideia sobre estrangeirismos utilizam como exemplos os termos *omelete* e *vitrine*, oriundas do Francês. No entanto, os estrangeirismos, de acordo com Palmer, mantém suas estruturas morfofonética, ou seja, forma e pronúncia (não uma ou a outra), além do significado, inalterados, o que faz com que o termo *omelete* não seja mais um estrangeirismo, mas um empréstimo, visto que sua forma não é a mesma do Francês (*omelette*). Sendo assim, notamos que os autores não sabem distinguir empréstimo de estrangeirismo, o que provoca a contradição mencionada.

Sarmiento e Tufano apresentam a reportagem “Yes, a gente fala inglês... ou quase” (2001) (em anexo neste trabalho – Anexo B), da jornalista Eliane Azevedo, para propor uma reflexão sobre os estrangeirismos. A reportagem aborda o modo como os cariocas se apropriam da língua inglesa para se comunicar com os turistas estrangeiros. As questões propostas para reflexão sobre o texto são as seguintes:

Agora responda em seu caderno.

1. Nesse texto, a jornalista conta como a língua inglesa se espalhou entre trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro, adquirindo características próprias. Como se justifica esse emprego de estrangeirismos?
2. Identifique no texto algumas expressões que contenham estrangeirismos.
3. Como os brasileiros “dão o troco”, ao assimilar o idioma inglês?

(2004, p. 339)

Essas questões levam o aluno a observar e identificar no texto os estrangeirismos, ou seja, as palavras da Língua Inglesa que entram na Língua Portuguesa e não mudam sua estrutura e seu significado, como, por exemplo, a expressão: “% off”, presente na reportagem. No entanto, os autores do livro didático não abordam o que, para Palmer, seria o mais importante no trabalho com os estrangeirismos: sua relação com as palavras nativas. Poderíamos abordar essa questão simplesmente acrescentando à questão dois uma ordem para que substituíssem tais estrangeirismos por palavras da Língua Portuguesa.

A respeito da variação dialetal, próximo conteúdo do livro didático que analisaremos, Frank Palmer (1986) defende que um mesmo significante remete a itens lexicais distintos. Isso ocorre porque as línguas são híbridas, isto é, são constituídas por diferentes falantes de diferentes regiões e etnias e herdaram essa influência. No caso do Brasil, por ser um país muito grande geograficamente, quando foi colonizado, cada região sofreu influências de culturas diferentes, o que fez com que o léxico dessas regiões se diferenciasse. De acordo com Palmer, a partir do momento em que temos um significante para vários itens lexicais correspondentes a ele, a divisão regional e suas especificidades léxicas constituem a produtividade sinonímica da língua. Sarmiento e Tufano, por sua vez, trabalham essas variações ligadas ao léxico de cada região, os chamados regionalismos. Sobre isso, eles explicam que:

As diferenças na nossa língua [...] são conseqüências das marcas deixadas pelas línguas originais que entraram na formação do português falado no Brasil, no qual estão presentes sobretudo elementos de línguas indígenas e africanas, além das européias, como o francês e o italiano. (2004, p. 340)

E, que cada região possui suas especificidades quanto à forma escrita e falada – sotaque ou pronúncia. Para exemplificar que “um mesmo objeto pode ser nomeado por palavras diversas, conforme a região” (2004, p. 341), Sarmiento e Tufano utilizam os seguintes exemplos: “‘pipa’ ou ‘papagaio’, que no Rio Grande do Sul se chama *pandorga*; ‘semáforo’, que pode ser designado por *farol* em São Paulo, e *senal* ou *sinaleira* no Rio de Janeiro (2004, p. 341). Após essa explicação a respeito do que seriam os regionalismos, os autores

selecionam um texto publicado na Folha de São Paulo e propõem tarefas de reflexão para os alunos:

Historinha primitiva

Acharam mais um chimpanzé. Lá na Serra da Capivara. Ingá, não sei. Ou será que foi no chão de Catolé? O dente do macaco vale ouro, pois é. E a gente aqui nessa miséria. O couro cabeludo. Enterrado até o pescoço. Há um milhão de tempo. No esquecimento. Osso bom é osso morto. O que vai ter de estudioso, perguntando. No futuro, pela gente, pode crer. De que ele morreu, sei lá, foi de repente? Comeu calango podre? Bebeu água doente? E a mulher dele, o que será que houve? Eu, preta, caída na cova. Cabelo até a cintura. Carcaça prematura. Morreu de desgosto. Isso, se a gente tiver sorte. O que tem de corpo que morre e ninguém vê o pó. Nesse sol de rachar o quengo. É vaca, é bode, bezerro, passarinho. Não o passarinho que eles encontram, gigante. Importante é bicho grande. Se pelo menos ovo de dinossauro matasse a fome. A gente tava feito. A gente tem de fazer alguma coisa, urgente. Para sair desse buraco, entende? A gente podia ganhar dinheiro. Não deve ser difícil achar mais um chimpanzé, Zé. Por aqui mesmo.”

FREIRE, Marcelino. In *Folha de S. Paulo*, 29 out. 2002.

Agora responda em seu caderno.

1. Nesse texto, identifique termos ou expressões que marcam a fala regionalista do sertão nordestino.
2. De acordo com o texto “Historinha primitiva”, como é a vida nesse sertão nordestino? Justifique sua resposta com trechos do texto.
3. Além da linguagem regionalista, identifique alguns trechos em que aparece a linguagem informal.

(2004, p. 341)

A reflexão proposta por Sarmiento e Tufano, a respeito do texto “Historinha primitiva” (2002), escrito por Marcelino Freire, é consideravelmente abrangente. Além de explorarem as questões que marcam na escrita a região do sertão nordestino, Sarmiento e Tufano propõem ao aluno que atente para a maneira como Marcelino Freire descreve em seu texto a vida das pessoas no sertão, chamando a atenção também para a informalidade da escrita. No entanto, sentimos falta do estabelecimento de relações entre as diferentes variações regionais da Língua Portuguesa, uma vez que os autores do livro didático poderiam fazer com que o aluno, além de identificar os termos ou expressões que marcam a fala regionalista no texto “Historinha primitiva”, também buscasse por sinônimos correspondentes a tais termos utilizados na sua região, fazendo o aluno refletir sobre o léxico, suas variações e possibilidades de correferência.

No capítulo quarenta e quatro, Sarmiento e Tufano introduzem as *figuras de linguagem*, “recursos semânticos usados para realçar e dar maior expressividade às palavras,

permitindo empregá-las num sentido diferente do convencional.” (2004, p. 360). Onde encontramos os *eufemismos*, conforme ilustrado a seguir:

Figuras de linguagem	359
Comparação	360
Metáfora	360
Antítese	360
Metonímia	361
Eufemismo	361
Hip�rbato	361
Personifica�o ou prosopop�ia	361
Hipérbole	361
Pleonasmo	362

(2004, p. 09)

No capítulo um deste trabalho, analisamos dois autores que abordam com maestria o funcionamento dos eufemismos, são eles: Rodrigues Lapa (1982) e Frank Palmer (1986). De acordo esses autores, os eufemismos são palavras que utilizamos para substituir aquelas que possuem um valor negativo frente à sociedade. Esse recurso semântico ativa a produtividade sinonímica da língua, pois faz com que ela trabalhe para criar sinônimos que substituam tais palavras negativas. Para Rodrigues Lapa, os eufemismos refletem a hipocrisia existente na sociedade, sendo utilizados para atenuar a dureza de certas expressões desagradáveis, comumente empregadas em determinadas classes sociais. E, Frank Palmer apresenta-nos os eufemismos como uma falsa sinonímia, pois as palavras são substituídas por seus sinônimos, nestes casos, para refratar os verdadeiros sentidos que socialmente são desagradáveis. Sendo então um recurso utilizado para fins de: ocultar a realidade, manipular o interlocutor, amenizar os sentidos negativos que uma palavra desencadeia, para conveniências sociais, etc.

No livro didático “Português: Literatura, Gramática e Produ o de texto” (2004), os eufemismos são introduzidos a partir de uma tirinha de Chris Browne, conforme podemos analisar na imagem que segue:



(2004, p. 361)

Com relação a tirinha, os autores chamam a atenção para o segundo quadro onde a personagem responde que irá se levantar quando *a natureza exigir*, ao invés de dizer que se levantaria quando precisasse “urinar” ou “evacuar”, o que “suaviza o significado da expressão tornando-o mais agradável ao leitor e cria, assim, um eufemismo” (2004, p. 361). Após a introdução dessa tirinha e a respectiva análise da fala da personagem, Sarmiento e Tufano acrescentam a seguinte definição: “Eufemismo é a substituição de uma palavra ou expressão para suavizar ou atenuar intencionalmente seu significado” (2004, p.361). Como podemos observar, esses autores fazem uma abordagem sucinta e não abrangem a função social do eufemismo, desconsideram que os falantes utilizam tal recurso para ocultar uma realidade como, por exemplo, quando chamamos alguém de *portadoras de necessidades especiais* ao invés de *aleijado*, pelo fato da segunda palavra não ser socialmente aceita. Sendo então, mais importante do que o fato de os eufemismos criarem sinônimos para atenuarem/suavizarem expressões, seria uma reflexão sobre o motivo que leva os falantes a fazerem uso de tal recurso. Reflexão que Sarmiento e Tufano não promovem, afinal, a atividade, que deveria ser o momento para fazer o aluno pensar acerca do que está estudando, apenas propõe a identificação das figuras de linguagem que predominam em algumas frases isoladas, como podemos observar a seguir:

Aplicando
Registre as respostas em seu caderno

1 Identifique as figuras de linguagem predominantes nos textos e justifique sua resposta.

a) “Eu quero meu amor se derramando / Não dá mais pra segurar / Explode coração.” (Luís Gonzaga Jr.)

b)

HAGAR Chris Browne
SE SEU CACHORRO NÃO PARAR DE FAZER SUAS NECESSIDADES NO MEU JARDIM, VOU QUEIMAR SUA CASA!

TUDO BEM... VOU CONVERSAR COM ELE.

c) “Quando um muro separa, uma ponte une.” (Paulo César Pinheiro)

d)

NIQUEL NAUSEA Fernando Gonsales
FIZ IDEIA SUA HOMENAGEM SENDO NESSAS FÓRMAS DE PLÁSTICO!
AGORA ESTAMOS PRESAS AQUI!

“VÊ NA HA? ADORO SUAS MOSCAS NO GELÓ TALSO!”
“QUÊ? MOSCAS NO GELÓ TALSO?”

e) “O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa.” (Fernando Pessoa)

f) “Vê, claramente visto, o hame vivo / Que a maritima gente tem por santo.” (Camões)

g) “Devolva o Neruda que você me tomou / É minha lei.” (Chico Buarque e Francis Hime)

h) “O pavão é um arco-íris de plumas.” (Rubem Braga)

i) “O vento beija meus cabelos / As ondas lambem minhas pernas.” (Luís Sizen e Nelson Motta)

(2004, p. 362)

Ou seja, fundamentado em um conceito simplista, a atividade é composta apenas por questões de fixação de conteúdo, pois não promove a reflexão sobre o funcionamento e a função dos eufemismos a partir dos usos que os falantes fazem dele.

Com base na análise feita podemos considerar que as atividades propostas no livro “Português: Literatura, Gramática e Produção de texto” (2004), elaboradas a partir de conceitos superficiais de conteúdos semânticos, não fomentam uma reflexão sobre a relação existente entre as palavras dentro dos contextos onde são utilizadas; fazendo com que Sarmento e Tufano abordem algumas das ferramentas²³ de que uma língua dispõe para promover a produtividade sinonímica, mas deixem essa questão para outra hora. Sendo assim apenas mais um material didático transmissor de uma perspectiva conteudista que vê o aluno como um “recipiente” onde esses conteúdos devem ser inseridos sem que nenhum pensamento crítico sobre sua língua e os usos que faz dela sejam aflorados.

3.5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: *PRÁTICAS DO DIZER: UM EXERCÍCIO DA LINGUAGEM*, DE LAÍS RODRIGUES E TERESINHA BRANDÃO

O último livro a ser analisado foi elaborado por Laís Maria Passos Rodrigues, especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e professora de redação, e Teresinha dos Santos Brandão, mestranda em Estudos da Linguagem pela UFRGS e professora de Língua Portuguesa da Escola de Ensino Médio Mario Quintana, em Pelotas, RS.

“Práticas do dizer: Um exercício da linguagem” (1999) foi impresso pela Editora e Gráfica da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para a Escola de Ensino Médio Mário Quintana²⁴, numa tiragem de 500 exemplares, conforme informações presentes no exemplar analisado. Este livro apresenta uma proposta diferenciada dos demais vistos até agora. Segundo Rodrigues e Brandão esta obra foi produzida com o intuito de capacitar o aluno “a entender o mundo a partir de uma leitura atenta e crítica, da produção de textos criativos, da adesão de estruturas gramaticais a contextos específicos, despertando ainda mais [...] o gosto pelo estudo da língua portuguesa.” (1999, p. 11). As autoras abordam os conteúdos discutidos

²³ Meio utilizado para atingir determinado objetivo. Neste caso, aumentar a produtividade sinonímica da língua.

²⁴ Chamamos a atenção que a referência acima não é usual, pois geralmente livros didáticos não são publicados para escolas específicas. Porém, esta informação é disponibilizada na última página do livro, fazendo com que acreditemos que esta obra seja um material elaborado para os alunos da Escola Mário Quintana como uma espécie de apostila.

ao longo do livro através de textos retirados de diferentes jornais e revistas, da literatura canônica, assim como com músicas e textos de alunos.

Da mesma forma que no livro “Português: Literatura, Gramática e Produção de texto” (2004), analisado anteriormente, o livro “Práticas do dizer” (1999) não aborda diretamente o conceito de sinonímia, porém reflete sobre os usos da linguagem nos diferentes contextos de enunciação e, a partir desta perspectiva, trabalham com os eufemismos, os estrangeirismos e também os níveis de linguagem. Como vimos na análise do livro anterior, consideramos que, à luz, principalmente, da teoria de Frank Palmer (1986), essas são questões que envolvem o funcionamento da sinonímia na medida em que promovem o aumento da sua produtividade numa língua e, neste sentido, também aprofundam a reflexão dos alunos sobre a própria condição de hibridez da língua. Então, sendo assim, propícias à nossa pesquisa sobre as formas como a sinonímia é retratada em materiais didáticos destinados a diferentes anos do ensino fundamental e médio.

No capítulo um, intitulado “Sentidos indiretos: a não-literalidade” (1999, p. 13), as autoras abordam os eufemismos. Como explicado na análise do livro que antecede esta, o eufemismo é, para Frank Palmer (1986) e Rodrigues Lapa (1982), um recurso semântico promovedor da produtividade sinonímica de uma língua, tendo uma função social maior do que simplesmente amenizar expressões inconvenientes. Sobre eles, as autoras apresentam a seguinte definição:

Costuma-se definir **eufemismo** como o ato de suavizar a expressão de uma ideia, substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida. Há casos, ainda, em que seu uso se justifica por isentar ou amenizar a responsabilidade da declaração de seu autor. (1999, p. 15) (grifos da autora)

Notamos que Rodrigues e Brandão, além de os considerarem meios para suavizar a expressão de uma ideia, acrescentam à função do eufemismo o fato dele mascarar a realidade na medida em que o locutor busca por uma palavra que não irá lhe responsabilizar pelo que disse. Para entendermos o conceito e a função dos eufemismos explorados pelas autoras, precisamos pensá-los a partir de seu funcionamento nos textos. Sendo assim, para refletir sobre o uso de tal recurso, as autoras abordam três textos²⁵ do jornal *Folha de São Paulo*, de fevereiro, março e abril de 1998. Dois deles analisaremos no corpo deste trabalho, enquanto o texto III segue em anexo para possíveis consultas – Anexo C. Vejamos o primeiro texto e suas questões para reflexão:

²⁵ O terceiro texto segue em anexo, ao final deste trabalho, para desejáveis leituras.

Texto I

(...) E por falar em ex, eu adoro o currículo do ministro dos Sem-Trabalho: ex-quase petista e atual quase tucano. Ou seja, um tucano autêntico! Tucano de pai e mãe!

Que insiste em dizer que não há crise de emprego, mas tendências preocupantes. É aquela coisa de tucano de chamar “fome” de “estômago em estado de vácuo” e “crise” de “desaceleração da aceleração”.

- a) Em que trecho(s) o autor lança mão de eufemismos?
 b) Percebe-se, pelo uso de tais eufemismos, uma crítica relacionada aos tucanos. Explique em que consiste tal crítica.

(1999, p. 15)

A partir das perguntas o aluno é levado a buscar no texto os eufemismos utilizados e analisar a função crítica desencadeada com o emprego de tais eufemismos, ou seja, que ao se referirem ao desemprego, à fome e à crise financeira, por serem assuntos socialmente preocupantes, os tucanos tendem a ocultar a realidade utilizando sinônimos que amenizam a verdadeira situação do Estado.

O segundo texto também desenvolve uma questão importante que gostaríamos de analisar. Consideremos o texto e suas atividades, conforme ilustrados a seguir:

Texto II

E um outro leitor me passou um e-mail: “Não me considero um desempregado, apenas sou uma mão-de-obra inativa. Antes de me formar, era a esperança do futuro. Agora, sou um problema social. Antes, fazia parte da MINORIA que entrava pra faculdade, e agora, faço parte da MAIORIA que não tem emprego”.

E sabe o que eu vi na TV? Um psiquiatra para desempregados. E como é que ele recebe? Rarará. É mole? É mole, mas sabe. É pra cima que se anda. Fundo de poço tem mola. Nós sofre, mas nós goza! E gostoso!

E-mail: simao@uol.com.br

- a) No texto, qual a expressão cuja intenção é atenuar o sentido de uma palavra que, em nossa conjuntura social, provoca angústia ou insatisfação?
 b) O texto apresenta ainda uma outra figura de linguagem - a **antítese** (ou **contraste**), definida como o emprego de palavras ou expressões contrastantes, ou seja, de sentidos opostos. Destaque trechos em que seu emprego é evidente.

(1999, p. 16)

Na primeira questão, letra “a”, as autoras solicitam que o aluno encontre no texto o eufemismo utilizado para substituir uma expressão que provoca “angústia ou insatisfação”

(1999, p. 16) aos ouvidos dos integrantes da nossa sociedade. Com isso, Rodrigues e Brandão possibilitam ao aluno atentar para a função social dos eufemismos na medida em que indicam a substituição da palavra como uma forma para ocultar uma realidade angustiante, que provocaria certo impacto negativo no leitor. O que, conforme observamos na teoria de Frank Palmer, é um dos motivos para utilizarmos os eufemismos; recurso que permite-nos buscar por sinônimos mais adequados aos fins que pretendemos causar no nosso interlocutor, aumentando a produtividade sinonímica da língua. O eufemismo refrata a realidade, seu uso nos mostra o quanto a questão da ideologia permeia a linguagem.

Passando para os estrangeirismos, conforme vimos na análise do livro didático anterior, Frank Palmer (1986) vai considerá-los como sendo aquelas palavras que ao entrarem no léxico de uma nova língua não sofrem nenhuma alteração quanto a sua forma e sentido, pois quando isso ocorre deixam de ser estrangeirismo e passam a ser empréstimos. No entanto, igualmente ao que verificamos através da análise do livro didático “Português: Literatura, Gramática e Produção de texto” (2004), Rodrigues e Brandão não farão distinção entre estrangeirismos e empréstimos linguísticos, abordando os dois processos como se fossem a mesma coisa.


Para explicar os estrangeirismos, Rodrigues e Brandão escrevem a seguinte passagem:

Embora o acervo lexical da língua portuguesa seja rico e extenso, à medida que **palavras estrangeiras** são divulgadas através dos meios de comunicação, essas terminologias passam a fazer parte do repertório cotidiano dos usuários, constituindo-se, dessa forma, os empréstimos da língua inglesa, por exemplo, em um vasto campo de aplicação e divulgação. (1999, p.23) (grifos do autor).

Nesta explicação podemos considerar que aparentemente as autoras fazem uma diferenciação entre os dois processos, sendo assim, as palavras seriam estrangeiras quando divulgadas através dos meios de comunicação, passando à condição de empréstimo quando incorporadas ao repertório cotidiano dos usuários da língua em que foi inserida tal palavra. Porém, quando passamos para a atividade, notamos que as autoras utilizam os dois termos como sinônimos, conforme podemos observar na ordem do exercício ilustrado abaixo:

Na propaganda abaixo, extraída de *Veja*, de 06/01/99, notamos a presença de um **estrangeirismo** (empréstimo de palavras estrangeiras). Identifique-o e explique seu significado nesse contexto.

QUE 99 SEJA LIGHT.



COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA

(1999, p. 23)

Repare que os estrangeirismos são considerados como empréstimos de palavras estrangeiras conforme sugere o parêntese, geralmente utilizado para explicar algo sobre a palavra ou assunto que vem antes, empregado por Rodrigues e Brandão: “[...] notamos a presença de um estrangeirismo (empréstimo de palavras estrangeiras).” (1999, p. 23)

O “estrangeirismo” em questão é a palavra “light”, escrita nos rótulos das latas de refrigerante e cerveja que aparecem na imagem da propaganda, e também no título da mesma. Dessa maneira, conforme manda o exercício, o aluno deveria analisar a imagem, encontrar o estrangeirismo e identificar o seu significado no contexto em questão. Um dos sentidos que essa palavra adquire no Inglês é “suave/leve”, sendo utilizada no Português para informar que o refrigerante, por exemplo, como aparece na imagem da atividade, não contém quantidades significativas de calorias, ou seja, é uma bebida “leve”; da mesma forma é empregada no título da propaganda, onde sinonimiza com *leve*, *tranquilo*, almejando assim um ano tranquilo e ao mesmo tempo fazendo referência aos produtos da imagem, ou seja, além de tudo ainda encontramos uma ambiguidade intencional provocada pelo uso da palavra em questão.

Ao empregarem os termos “empréstimo e estrangeirismo” indistintamente, Rodrigues e Brandão, não reconhecem as especificidades de cada um desses processos e, decorrente disto, elaboram uma explicação confusa sobre os estrangeirismos. As autoras também não considerarem a relação que se estabelece entre as palavras nativas e as novas palavras,

incorporadas de outras línguas, considerar essa relação seria interessante para levar o aluno a refletir sobre os possíveis sinônimos da palavra *Light* no contexto em que foi empregada na propaganda ilustrada anteriormente.

Seguindo a análise do livro “Práticas do Dizer” (1999), encontramos no capítulo sete, intitulado “Heterogeneidade linguística” (1999, p. 73), a abordagem sobre os diferentes níveis de linguagem, o que, de acordo com Palmer (1986), seria mais uma forma de produtividade sinonímica de uma língua. De acordo com o semanticista, temos várias palavras para expressar uma mesma ideia mudando o registro; dessa maneira, a escolha entre um ou outro registro se dá de acordo com o contexto em que estamos nos enunciando ou com os fins que pretendemos alcançar, afinal o uso de uma forma de registro como, por exemplo, a norma culta, fora dos meios letrados, pode barrar o entendimento do interlocutor. Dessa maneira, os diferentes registros, mais formais ou menos formais, são eficientes no que diz respeito à produtividade sinonímica das línguas.

No livro didático, Rodrigues e Brandão iniciam a abordagem sobre os níveis de linguagem com a seguinte explicação:

Do ponto de vista científico, não há como se afirmar que uma forma linguística é “melhor” do que outra.

As **variedades** são, na verdade, **diferenças**, não “erros”. Por outro lado, se não existem erros, há, isto sim, inadequações quanto à variedade a ser utilizada em uma **situação específica**. “Erro” remete, pois, à avaliação de teor político e social – por vezes, até mesmo, preconceituosa – e, com efeito, não se dá em decorrência das expressões linguísticas em si mesmas. (grifos das autoras) (1999, p. 73).

A partir desta introdução podemos observar que os diferentes níveis de linguagem serão abordados vinculados ao contexto, uma vez que Rodrigues e Brandão consideram a variedade do emprego das palavras de acordo com os diferentes meios sociais onde são empregadas.

Rodrigues e Brandão, utilizam textos escritos em diferentes níveis de linguagem para desenvolver uma reflexão a respeito dos efeitos que a utilização de um registro em detrimento de outro causa nos leitores. O primeiro texto abordado pelas autoras intitula-se: “A história mais bonita” (p. 74), escrito por Carlos Heitor Cony (1997) e publicado pelo Jornal Folha de São Paulo.

A história mais bonita

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro – *Se alguém conhece história mais bonita, que conte logo, diga adeus e vá-se embora. A que eu conheço é antiga e faz hoje, mais ou menos, dois mil anos. Um homem humilde, casado com uma jovem mais moça do que ele, sonha com um anjo que, com alguma rispidez, lhe avisa:*

– *Olhe, não esquenta a cabeça mas sua mulher vai ter um filho. Güenta as pontas, você não tem nada a ver com isso, fique na sua e deixa o resto por nossa conta.*

Na mesma ocasião, outro anjo aparece à mulher – na realidade, uma menina de 15 anos – e lhe dá um recado equivalente:

– *Não esquente a cabeça, mas você vai ter um filho...*

A menina poderia ter perguntado:

– *Mas como? Estou casada com um homem mais velho e ainda sou virgem!*

– *Fique na sua – diz o anjo -, você não entenderá o que está acontecendo, mas é a vontade de Deus. A menina-moça responde: “Seja feita em mim a sua vontade”.*

Em silêncio (os evangelhos não registram uma única palavra dita pelo carpinteiro José), ele nem comenta o fato com a mulher. Nove meses depois, numa gruta, cercados por um boi e um burro, nasce a criança. Ele protege a mulher e o filho que não é dele. Sabendo que Herodes quer matar os recém-nascidos, toma a mulher e o menino, foge para o Egito.

Não tem uma idéia precisa do que está acontecendo com ele e com aquilo que poderia chamar de “sua família”. Cumpre, sempre em silêncio, uma ordem misteriosa vinda de uma entidade na qual talvez não acredite.

*Tampouco a menina-moça compreende o que está se passando. Mais tarde, os pintores da Renascença encheriam o mundo com aquela **cena banal**, a moça com o seio de fora, amamentando a criança, o homem à distância, cuidando que os inimigos não se aproximassem.*

Como disse no início desta crônica, quem conhecer história mais bonita que diga adeus e vá-se embora.

(1999, p. 74)

Como podemos observar, o texto relata o nascimento de Jesus Cristo por um viés coloquial e apresenta as seguintes perguntas para o estudo do texto:

- a) Levante uma hipótese que justifique a opção feita por Cony ao introduzir em seu texto o emprego da linguagem coloquial (como o uso de gírias) e do discurso direto para narrar este acontecimento.
- b) Uma das estruturas linguísticas típicas desse nível de linguagem – o coloquial – pode ser constatada pela mistura de tratamento. Retire do texto duas passagens em que é evidente tal mistura.
- c) Se comparássemos essas passagens, selecionadas por você – referentes ao item b, com as estruturas previstas pela norma culta da língua, como elas deveriam ser reescritas?
- d) Transcreva, do texto acima, os termos ressaltados e copie, ao lado de cada um, a(s) expressão(ões) a que se refere(m).
- e) Transcreva os trechos em que é empregado o discurso indireto.
- f) Reescreva esses trechos, utilizando o discurso direto e efetuando as necessárias adaptações.

(1999, p.74)

As seis perguntas elaboradas pelas autoras do livro didático são importantes, mas gostaríamos de chamar a atenção para a primeira, letra “a”, e a terceira, letra “c”. Na primeira questão o aluno é direcionado a pensar sobre os efeitos causados pela mudança de registro e

utilização do discurso direto, feitos intencionalmente pelo escritor ao narrar uma história sagrada, dificilmente narrada dessa maneira. Na terceira questão, é requisitado que o aluno reescreva as passagens que contenham uma mistura de tratamento – típicas da linguagem coloquial, selecionadas pelo próprio aluno na segunda questão, fazendo assim uma transição entre a linguagem coloquial e a norma culta da língua; provocando uma reflexão em que o aluno será levado a buscar por palavras sinônimas variando entre as diferentes formas de registros.

O segundo texto que gostaríamos de analisar é uma música gravada pelo grupo Cidade Negra em 1994, cujo nome é “Doutor”; conforme podemos observar a seguir, a letra da música é escrita através da linguagem coloquial:

DOUTOR
(TONI GARRIDO – BINO – DA GAMA – LAZÃO)

Ó DOUTOR, TEM QUE ME AJUDAR
EU TÔ COM DOR,
NÃO SEI DOUTOR
NO QUE VAI DAR

DESCI PRO ASFALTO
SUBI NA VIDA, E DEPOIS VI
QUE A INTENÇÃO DA AUTORIDADE
NÃO RESUME NADA AQUI

AQUI ESTOU
SUA LICENÇA PARA PROXEGAR
“CÊ” ME DESCULPE MAS EU VOU FALAR
SOU NORDESTINO HONESTO, TRABALHADOR
COM OITO BOCAS PARA SUSTENTAR

E A NÊGA DIZ QUE TEM MAIS UM PRA CHEGAR
SUBINDO O MORRO ONDE EU SOU MORADOR
MÃO NA CABEÇA ENCOSTA PRA LÁ
FÉLIZ PACHECO NÃO ADIANTOU
NÃO TENHO CULPA
SE POR LÁ ROLOU
DE MADRUGADA ROLOU BAN-BAN-BAN

EU VOU, VOU VOLTAR PRO MEU SERTÃO
POIS AQUI NÃO FICO NÃO
QUERO MAIS QUE AGUÁ
PRA VIVER.
DESCOBRI
UM CAMINHO DE ILUSÃO
CONTERRÂNEO CORAÇÃO
NESTA TERRA NÃO QUER MAIS SOFRER
Ó DOUTOR...
BAN, BAN

(Cidade Negra, “Sobre todas as forças”. Gravadora EPIC; 1994; CD 85.229/2-476246)

(1999, p. 77)

A música relata a história de migrantes nordestinos e sua penosa adaptação à cidade grande. Para contarem esta história, os compositores utilizam a linguagem coloquial carregada de regionalismos. Analisemos então como Rodrigues e Bradão abordam o texto a partir das atividades de reflexão.

- a) A palavra “doutor” foi necessariamente usada, nesse texto, no sentido literal? Justifique.
- b) Levante algumas hipóteses sobre a possível identidade desse nordestino, tais como o grau de escolaridade, a classe social a que pertence, o grupo social com quem convive.
- c) Transcreva algumas passagens do texto que podem ser associadas a essa possível identidade.
- d) Reescreva as estruturas abaixo, usando um nível de linguagem mais formal, supondo tratar-se de um outro contexto.
 - “Desci pro asfalto”;
 - “Subi na vida”;
 - “Sua licença para aproxegar”;
 - “Com oito bocas para sustentar”;
 - “E a nêga diz que tem mais um pra chegar”;
 - “Não tenho culpa/Se por lá rolou ban-ban-ban”.

(1999, p. 77)

As perguntas propostas pelas autoras permitem que o aluno reflita sobre as marcas linguísticas deixadas pelo meio social em que a personagem está inserida. Remetendo-nos a teoria do filólogo português, Rodrigues Lapa (1982), quando este afirma que os sinônimos são um reflexo das classes sociais em que uma sociedade se divide. Por assim ser, podemos, através da escrita, construir uma possível identidade ao personagem nordestino apresentado na música, conforme pedem Rodrigues e Brandão em uma de suas questões sobre o texto. Através das marcas linguísticas presentes na escrita ou na oralidade podemos levantar hipóteses a respeito do grau de escolaridade, a classe social e o grupo social à que pertence a personagem; da mesma maneira que os regionalismos permitem-nos saber a região daquele que se enuncia. Ainda com relação a este mesmo texto, queremos chamar a atenção para a última questão (letra “d”) onde Rodrigues e Brandão desenvolvem uma tarefa levando o aluno a pensar sobre os diferentes contextos e seus modos mais adequados de pronúncia; conforme podemos observar na ordem da atividade, as autoras do livro didático pedem para o aluno reescrever algumas expressões coloquiais supondo tratar-se de um contexto formal, o que permitirá ao aluno uma reflexão acerca dos sinônimos adequados para fazer a mudança de um registro para outro. Dessa forma, Rodrigues e Brandão estabelecem um estudo que permite ao estudante, mesmo que de forma implícita, refletir sobre as palavras sinônimas e suas variações entre os diferentes níveis de linguagem que utilizamos para melhor nos adequarmos ao contexto de enunciação.

Baseados na análise do livro “Práticas do Dizer” (1999), podemos concluir que Rodrigues e Brandão desenvolvem os conteúdos utilizando o texto como o objeto de estudo, ao invés de utilizá-lo apenas como pretexto para se trabalhar a gramática ou o significado de palavras isoladas, como muitos livros didáticos fazem. Podemos considerar que as autoras contemplam, através das atividades de leitura e explicações, as questões sociais e ideológicas que se refletem no funcionamento da língua, apresentadas por Palmer e Lapa como inseparáveis de qualquer recurso que envolva os significados das palavras de uma língua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia foram expostas as perspectivas de diferentes autores a respeito de sinonímia. Com isso, pudemos perceber que a maneira como cada pesquisador aborda a relação sinonímica varia de acordo com o pressuposto teórico a partir do qual estudam o funcionamento da língua. Sendo assim, percebemos que alguns autores adotam uma perspectiva formal e tendem a tratar da sinonímia com superficialidade, através de um contexto imediato de fala. Enquanto outros complementam nossos estudos, abordando as questões de relação entre os significados por uma perspectiva social, extrapolando os limites da língua e levando em consideração além do contexto imediato de fala, os contextos históricos e sociais que influenciam na constituição dos sentidos. Dessa maneira, compreendemos que não basta apenas abordar a questão da significação, é necessário que o pesquisador avalie as condições de produção de sentido, não só considerando o contexto imediato no qual o falante está inserido, mas também o contexto sócio-histórico e cultural, o qual interfere nos sentidos, impossibilitando que duas ou mais palavras possuam o mesmo significado.

A partir do viés social e contextualizado, no qual baseamos nossa pesquisa, pudemos observar que há uma divergência entre a noção de sinonímia defendida por alguns teóricos e a noção de sinonímia abordada nos livros didáticos. Infelizmente, os livros didáticos não desenvolvem plenamente um conceito sobre a sinonímia, pois a grande maioria ignora a perspectiva social e deixa de refletir sobre as relações que se estabelecem entre as palavras em função dos usos que os falantes fazem delas. Alguns livros são melhores que os outros como, por exemplo, o “Práticas do Dizer: um exercício da linguagem” (1999), pois seus autores, Rodrigues e Brandão, trabalham a relação existente entre as palavras a partir de textos que existem no mundo²⁶, levando em consideração suas variações decorrentes das questões ligadas ao contexto onde esses textos circulam. Porém, de qualquer forma, o referido livro também apresenta algumas falhas que devem ser revistas pelo professor, caso queira utilizá-lo para trabalhar com a sinonímia em sala de aula. Comprovando assim que mesmo quando temos bons materiais em mãos, precisamos de um olhar crítico e seletivo para aproveitarmos aquilo que eles têm de melhor em nossas aulas.

²⁶ Utilizamos essa expressão para nos referirmos a textos que realmente circulam entre as comunidades como, por exemplo, crônicas retiradas de jornais, reportagens, propagandas de revistas, textos ficcionais, etc., ou seja, textos que não foram inventados para fins didáticos.

Consideramos que o trabalho elaborado com a sinonímia é feito de forma descontextualizada pela maioria dos livros didáticos analisados. Isso é um reflexo da falta de preparo dos profissionais da área para lidar com as questões semânticas. A Semântica é um campo “movediço”²⁷, pois trata das questões da língua em seu pleno funcionamento, ou seja, seu objeto de estudo não é estático, a cada dia novas acepções são aferidas, palavras novas são incorporadas à língua, palavras são utilizadas em contextos diferentes, o que obriga o estudioso a rever os conceitos elaborados periodicamente. Lidar com os sentidos que as palavras adquirem nos diferentes textos²⁸ em que são utilizadas é lidar com questões instáveis; o que torna justificável certa insegurança, afinal nosso objeto de estudo pode nos surpreender e não temos como delimitar suas fronteiras. Sendo assim, um livro didático, por almejar a compreensão por parte do aluno, se propõe a ser claro e objetivo o que talvez justifique a escolha dos autores em lidar apenas com questões ligadas à língua, adotando assim uma perspectiva que desconsidere essa flexibilidade, as quais não apresentam tantas variações. Além disso, temos um agravante que pode influenciar na tendência ao trabalho voltado para o interior da língua. A escola e sua comunidade foram constituídas por uma tradição gramatical que insiste em entender a língua apenas como um sistema de regras a serem descritas e assim decoradas pelo aluno; onde a matéria das aulas de Língua Portuguesa é a gramática pura sustentada por ela mesma, como notamos através dos materiais didáticos. A própria comunidade escolar ainda está bitolada a um ensino desvinculado do mundo exterior, onde o aluno deve ter no caderno uma lista de palavras para colocar o sinônimo ao lado, caso isso não ocorra ele não está tendo aulas de Português.

Dessa maneira, levando em consideração a pesquisa realizada, podemos afirmar que o livro didático deve ser utilizado como uma ferramenta auxiliar na prática docente, assim como a internet e seus sites e dicionários. Esses não devem, de maneira alguma, servir como substituto do planejamento das aulas do professor. Porém, para isso precisamos de mudanças na educação, possibilitando ao professor acesso a formação continuada. Esse profissional precisa ser bem preparado para que possa questionar os conteúdos apresentados pelos livros didáticos, sendo então capaz de refletir criticamente sobre a visão limitada de que são constituídos esses materiais. Nos dias de hoje, o professor deve orientar seus alunos a usarem a internet como fonte de pesquisa, trazendo mais esse recurso para a sala de aula, uma vez que os dicionários digitais podem auxiliar mais do que os dicionários impressos, por serem mais

²⁷ Ilari e Geraldi utilizam esse termo quando se referem à Semântica na página 6 do livro “Semântica” (2004)

²⁸ Texto no sentido amplo da palavra, sendo tudo aquilo que faz sentido para um determinado grupo em um determinado contexto de enunciação.

facilmente editados e atualizados com frequência, se estabelecendo no âmbito da língua viva. Mas, para isso, precisa conscientizá-los e ser consciente de que nem tudo que está disponível na web é confiável. Sendo assim, finalizamos nossa pesquisa convencidos de como a sinonímia é superficialmente abordada na maioria dos materiais analisados, confirmando que o livro didático pode ser utilizado como suporte, mas não o único referencial teórico para explanação de conteúdos dentro da sala de aula. A criticidade deve acompanhar o professor sempre que esse for utilizar o livro, a internet ou qualquer outro material para sua aula.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da Enunciação**. In: Problemas de Linguística Geral II. Campinas: Pontes, 1989.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. Campinas: Pontes, 1992.
- CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português: Linguagens**. 2º ano: ensino fundamental: anos iniciais. 5. ed. – São Paulo: Saraiva, 2014.
- Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: Agosto de 2017.
- Dicionário Aurélio Digital. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 09 de Agosto de 2017.
- Grande Houaiss Digital. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>> Acesso em: Setembro de 2017.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss – Sinônimos e Antônimos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1995.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Rio de Janeiro: Vozes LTDA., 1982.
- MEDEIROS, Celme Farias. **Aquarela do Saber**. 4º série: livro integrado. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.
- PALMER, Frank. **A semântica**. Lisboa,: Ed. 70, 1986.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental: MEC/SEF. 1998.
- RODRIGUES, Laís Maria P.; BRANDÃO, Teresinha dos S. **Práticas do Dizer: um exercício da linguagem – Ensino Médio**. Pelotas: L. M. P. Rodrigues, 1999.
- SARMENTO, Leila L.; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção de texto**. Ensino médio: volume único. São Paulo: Moderna, 2004.
- TRINCONI, Ana; BERTI, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Letramento e Alfabetização**. 3º ano: Ensino Fundamental: Anos Iniciais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- Wikitionary. Disponível em: <<https://www.wiktionary.org/>> Acesso em: Agosto de 2017.
- Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sin%C3%B4nimo>> Acesso em: Agosto de 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Unidade dezesseis: Estudando a gramática – conteúdos semânticos propostos por Celme Farias Medeiros.

4. O autor brincou com as palavras neste poeminha. Observe: Cida tomou inseticida e virou **suicida**.
Com que outras palavras você poderia brincar?

Resposta pessoal. Sugestões: A real idade =

realidade.

Pare Cida! = Aparecida.

Respostas pessoais. Os alunos podem registrar as respostas no caderno.



CONVERSANDO com os COLEGAS

1. Relendo a estrofe número 4, quem você acha que era esse bicho? Por quê?
2. A fome que o autor descreve pode se referir apenas aos alimentos ou também à ganância, à ambição?
3. Exemplifique “bichos” como o da estrofe número 4. Comente.



ESTUDANDO GRAMÁTICA

Significado das palavras

Quanto ao significado, as palavras classificam-se em:

- **Sinônimos** – são palavras que têm significado igual ou aproximada.
Exemplos:
aroma ►► perfume
ouvir ►► escutar
longe ►► distante

- **Antônimos** – são palavras que têm significado contrária.

Exemplos:

preto ►► branco
perto ►► longe
alto ►► baixo

- **Homônimos** – podem ser perfeitos ou imperfeitos.

- ✓ Os **homônimos perfeitos** são palavras iguais na pronúncia e na escrita, mas diferentes no significado.

Exemplos:

manga – parte do vestuário
manga – fruta
são – sadio
são – verbo ser

- ✓ Os **homônimos imperfeitos** podem ser:

- **Homófonos** – iguais na pronúncia mas diferentes na grafia.

Exemplos:

acento – sinal gráfico
assento – lugar onde se senta
concertar – ajustar
consertar – corrigir

- **Homógrafos** – palavras iguais na escrita, diferentes na pronúncia e no significado.

Exemplos:

sede – necessidade de beber.
sede – lugar onde fica uma empresa.
lobo – mamífero carnívoro.
lobo – parte saliente de qualquer órgão.

ANEXO B – Reportagem “Yes, a gente fala inglês... ou quase” proposto por Leila Sarmiento e Douglas Tufano.

Yes, a gente fala inglês... ou quase

“Com conhecimento rudimentar da língua, carioca transforma o idioma nascido nas Ilhas Britânicas em dialeto especial.”

‘Shine, mister?’ (brilho, senhor?). Gesticulando e gingando diante do possível freguês (...) o engraxate Gilberto da Costa, de 36 anos, 26 deles com sua caixa na Avenida Atlântica, não se aperta diante do fato de que o americano branquela à sua frente aparenta não falar nada além de inglês. ‘É tem (dez) real, mister’, continua, agarrando o sapato do sujeito – e, à exclamação espantosa do gringo: ‘It’s tõe expensive!’ (é muito caro), responde sem vacilar. ‘É, sou especialista, mesmo!’.

O americano em questão, porém, nasceu em Lisboa e fala um excelente português. O advogado John Godinho, de 59 anos, que foi para os Estados Unidos ainda criança, mas mora no Brasil há três décadas (...) percorreu a cidade para ver, no globalizado Rio de Janeiro, como o carioca se apropriou do que, há 1.500 anos, era um dialeto esquisito das Ilhas Britânicas – e que, hoje, transformou-se num dialeto esquisito do lado de cá do hemisfério.

‘Parece que está acontecendo uma contaminação mútua entre o carioca e a língua inglesa. O inglês infiltra-se, mas o cidadão dá o troco. É como se o carioca criasse um limbo lingüístico em que as palavras parecem inglesas, mas já não são’, observa Godinho, que trabalha como consultor da língua para executivos. (...)

Nesta época de liquidação em shopping Center (que em inglês, na verdade, chama-se *mall*), a palavra da moda é off. Segundo Godinho, a expressão só faz sentido se vier acompanhada, por exemplo, de um percentual: 50% off. (...)

(...) ‘ A gente usa off porque dá muito estrangeiro no shopping’, explica José Luiz Marques, 51 anos, um dos sócios da loja de roupas femininas Scrap, no Rio Sul.

A loja é um daqueles exemplos de como essa apropriação, se indébita, pode criar constrangimentos gerais. ‘Quando entra turista aqui, eles ficam rindo do nome’, confessa Marques. Pudera: scrap significa restos, sobras de comida. ‘Quando a loja começou, na Rua da Alfândega, vendia várias marcas de jeans, daí a ideia de sucata. Depois, o nome pegou’, justifica. (...)”

AZEVEDO, Eliane. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 ago. 2001.

ANEXO C – Texto III e respectivas atividades sobre eufemismo proposto por Laís Rodrigues e Teresinha Brandão.

Texto III Eficiência baiana

O prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB), esteve na semana passada em Brasília. Ele foi pedir dinheiro federal para a cidade, nos moldes dos empréstimos concedidos a São Paulo e a Salvador, em operações intermediadas pelo senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Na quarta-feira, ele reuniu-se com a bancada de Minas no Congresso para pedir apoio. No final do encontro, resolveram fazer um manifesto.

O tucano Elias Murad reclamou dos termos duros do texto e sugeriu trocar a expressão “exigimos” por “solicitamos”.

Sandra Starling (PT) interveio:

- Então vamos colocar “solicitamos energicamente”.

Tilden Santiago (PT), que ouvia rindo, disparou:

- Nesse caso, eu acho que tanto faz o jeitinho ou a energia dos mineiros. O que resolve é a ternura ou a malvadeza dos baianos – em referência aos apelidos “Toninho Ternura” e “Toninho Malvadeza” de ACM.

- a) Em que trecho se lança mão de um eufemismo?
- b) Por que a proposta da petista Sandra Starling provocou risos?